

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

**JANAYNE PEREIRA DE OLIVEIRA**

**REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NAS HQS: ANÁLISE DA  
GRAPHIC NOVEL JEREMIAS - PELE NA PERSPECTIVA  
SEMIÓTICA PEIRCEANA**

**M**



**Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul**

**OLIVEIRA**

**Janayne Pereira de Oliveira**

**REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NAS HQS:  
ANÁLISE DA GRAPHIC NOVEL JEREMIAS - PELE  
NA PERSPECTIVA SEMIÓTICA PEIRCEANA**

**REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NAS HQS: ANÁLISE  
DA GRAPHIC NOVEL JEREMIAS - PELE NA  
PERSPECTIVA SEMIÓTICA PEIRCEANA**

**Campo Grande – MS**

**2020**

**2020**

**JANAYNE PEREIRA DE OLIVEIRA**

**REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NAS HQS: ANÁLISE  
DA GRAPHIC NOVEL JEREMIAS - PELE NA PERSPECTIVA  
SEMIÓTICA PEIRCEANA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado de Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração em Linguagem:  
Língua e Literatura

Orientador: Antonio Carlos Santana de Souza

**Campo Grande – MS  
2020**

O47r Oliveira, Janayne Pereira de

Representatividade do negro nas HQs: análise da Graphic Novel Jeremias - Pele na perspectiva semiótica peirceana / Janayne Pereira de Oliveira. – Campo Grande, MS: UEMS, 2020.

117p.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Santana de Souza.

1.Semiótica 2. Iconicidade 3. HQ 4.Jeremias- Pele I. Souza,  
Antônio Carlos Santana de II. Título

CDD 23. ed. – 401.4

**Janayne Pereira de Oliveira**

**REPRESENTATIVIDADE DO NEGRO NAS HQS: ANÁLISE  
DA GRAPHIC NOVEL JEREMIAS - PELE NA PERSPECTIVA  
SEMIÓTICA PEIRCEANA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

---

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

---

Prof. Dr. Gustavo Soldati Reis  
Universidade Estadual do Pará – UEPA

**Campo Grande -MS, 09 de dezembro de 2020.**

## AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora de Aparecida da Conceição, que me fortaleceu em todos os momentos difíceis e embates sofridos para concluir este projeto.

A minha família, que me apoiaram em todas as instancias de minha vida, sendo exemplo e modelo a ser seguido, em especial ao meu esposo que significativamente foi meu suporte e apoio.

Ao professor Dr. Antonio Carlos Santana de Souza, fico gratificada pela orientação, confiança e principalmente por me guiar com decisivos passos para a obtenção desta pós-graduação em nível de mestrado.

Aos professores Dr. Nataniel dos Santos Gomes/ UEMS, com infinita sabedoria e humildade, me motivou a buscar conhecimento, salientando a missão de transmiti-lo. Obrigada pelo apoio incondicional.

A minha amiga, Tabitha Molina Monteiro que fez parceria em tantos projetos de estudos, mostrou o caminho até este mestrado, e aos demais colegas pela troca de experiências, companheirismo, conforto emocional e, acima de tudo, pela amizade que construímos no decorrer deste curso.

Aos roteiristas e ilustrador Rafael Calça e Jefferson Costa, pela disponibilidade de conceder entrevista, referente á produção Jeremias- Pele, apoio e parcerias que culminaram na execução desta pesquisa. Minha gratidão eterna.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação e da construção da minha história de vida pessoal, acadêmica e profissional, muito obrigada.

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1</b> - Triádica Teoria Peirce.....                      | 16 |
| <b>Figura 2</b> - Divisão dos Signos.....                          | 17 |
| <b>Figura 3</b> - Mapa Mental dos Conceitos semióticos Peirce..... | 20 |
| <b>Figura 4</b> - Linha lógica Peirce.....                         | 22 |
| <b>Figura 5</b> - Relações de Signo, Objeto e Interpretante.....   | 24 |
| <b>Figura 6</b> - Pintura Rupestre.....                            | 36 |
| <b>Figura 7</b> - Arte Mesopotâmia 500 a.c.....                    | 36 |
| <b>Figura 8</b> - Hieróglifos Egípcio 600 a. C.....                | 37 |
| <b>Figura 9</b> - Cultura Maia.....                                | 38 |
| <b>Figura 10</b> - The Yellow Kid - 1832.....                      | 39 |
| <b>Figura 11</b> - Actions Comics - Superman 1938.....             | 40 |
| <b>Figura 12</b> - Mulher-Maravilha e seu laço da verdade.....     | 41 |
| <b>Figura 13</b> - X-men: Extra - Vingança Morta.....              | 42 |
| <b>Figura 14</b> - X-men: DEUS AMA O HOMEM MATA.....               | 43 |
| <b>Figura 15</b> - Batman : a piada mortal.....                    | 43 |
| <b>Figura 16</b> - Cartoon As Meninas Superpoderosas.....          | 44 |
| <b>Figura 17</b> - Mangá Dragão Ball Z.....                        | 45 |
| <b>Figura 18</b> - Tirinha Armandinho.....                         | 45 |
| <b>Figura 19</b> - As aventuras de Nhô- Quim 1869.....             | 46 |
| <b>Figura 20</b> - Fotonovela Sétimo Céu.....                      | 47 |
| <b>Figura 21</b> - Charge Xaxado.....                              | 47 |
| <b>Figura 22</b> - Bilbolbul.....                                  | 49 |
| <b>Figura 23</b> - “pickaninny”.....                               | 50 |
| <b>Figura 24</b> - Blackface.....                                  | 51 |
| <b>Figura 25</b> - Tom & Jerry conteúdo racista.....               | 51 |
| <b>Figura 26</b> - Jabah.....                                      | 52 |
| <b>Figura 27</b> - Mandrake.....                                   | 53 |
| <b>Figura 28</b> - Super Heróis Negros.....                        | 54 |
| <b>Figura 29</b> – Jungle Action: The Black Panther.....           | 55 |
| <b>Figura 30</b> – Filme Pantera Negra.....                        | 55 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Figura 31</b> - Traços exagerados em Agostini.....   | 55  |
| <b>Figura 32</b> - O negro com aspecto selvagem.....  | 56  |
| <b>Figura 33</b> - Maria Fumaça criação de Luiz de Sá.....  | 57  |
| <b>Figura 34</b> - Mascote do Gibi em versão dos anos 70.....   | 57  |
| <b>Figura 35</b> - Pererê e algum de seus amigos.....   | 58  |
| <b>Figura 36</b> - Linhas de tráfico de escravos África- Brasil.....  | 62  |
| <b>Figura 37</b> - Mapa dos Quilombos no Brasil.....  | 64  |
| <b>Figura 38</b> - Capitão Picolé.....  | 74  |
| <b>Figura 39</b> - Turma da Mônica.....   | 75  |
| <b>Figura 40</b> - Bidu.....  | 76  |
| <b>Figura 41</b> - Jeremias e suas transformações.....  | 77  |
| <b>Figura 42</b> - Jeremias no palanque.....  | 78  |
| <b>Figura 43</b> - Jeremim : O príncipe que veio da África.....   | 78  |
| <b>Figura 44</b> - Pelezinho, Neymar Jr. e Ronaldinho Gaúcho.....   | 79  |
| <b>Figura 45</b> - Mauricio de Sousa apresenta família negra na Turma da Mônica.....  | 80  |
| <b>Figura 46, 47, 48</b> - As portas do imaginário de Jeremias.....   | 83  |
| <b>Figura 49 e 50</b> - Dois momentos que retratam as sombras de Jeremias com os pais por meio das sombras.....                           | 85  |
| <b>Figura 51, 52</b> - O café da manhã com os pais e café após discussão.....   | 86  |
| <b>Figura 53 , 54</b> - Imagem padrão desde a infância.....   | 87  |
| <b>Figura 55, 56 e 57</b> - Abordagem policial ao pai de Jeremias.....  | 88  |
| <b>Figura 58</b> - A ira do pai depois da abordagem policial, numa tentativa de evitar que o filho passe pelas mesmas coisas que ele..... | 90  |
| <b>Figura 59</b> - Rejeição ao Jeremias.....  | 91  |
| <b>Figura 60, 61</b> - A apresentação de Jeremias na escola e o constrangimento da professora.....  | 93  |
| <b>Figura 62,63</b> - Monumentos retratados na <i>Graphic Novel</i> .....   | 95  |
| <b>Figura 64</b> – Autor Jefferson Costa .....  | 109 |
| <b>Figura 65</b> - Autor Rafael Calça.....  | 114 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|  |    |
|--|----|
| <b>Gráfico 1</b> – PNAD-C I Distribuição da População, por cor e raça.....                   | 66 |
| <b>Gráfico 2</b> - Números de páginas de livros dedicadas ao tema “ História da África”..... | 69 |
| <b>Gráfico 3</b> – Feriado Dia da Consciência Negra por municípios.....                      | 73 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**Art.** – Artigo

**BNCC** - Base Nacional Comum Curricular

**BOs** – Boletim de Ocorrências

**CEB** – Conselho Educação Brasileira

**CF** - Constituição Federal

**CFB** – Constituição Federal Brasileira

**CNE** - Conselho Nacional de Educação

**CP**- Collected Papers

**DC** – Detective Comics

**DCNs** – Diretrizes Curriculares Nacionais

**EF** – Ensino Fundamental

**EUA** – Estados Unidos da America

**HI** – História

**HQ** - História em Quadrinho

**HQs**- História em Quadrinhos

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**LDB** – Lei de Diretrizes e Base

**LP** – Língua Português

**MPT** – Ministério Público do Trabalho

**MS**- Mato Grosso do Sul

**MSP**- Mauricio de Sousa Produções

**NEL** – Núcleo Estudo de Línguas

**NUPEQ**- Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PCNs** – Planos Curriculares Nacionais

**PNAD**- Pesquisa nacional por Amostra de Domicílios

**PNBE** – Plano Nacional Biblioteca na Escola

**SMAQ** – Sociedade Malvados Antagonistas dos Quadrinhos

**UEMS** – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

**UFBA**- Universidade Federal da Bahia

OLIVEIRA, Janayne P. de, Representatividade do negro nas HQs: análise da Graphic Novel Jeremias - Pele na perspectiva semiótica peirceana. 2020. 117p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS, 2020.

## RESUMO

É inegável que, a construção da identidade brasileira foi marcada por diversos momentos de rejeição e de lutas contra o preconceito e racismo, deixando marcas e cicatrizes permanentes no cotidiano da população negra do país. Assim, este estudo tem o propósito de analisar a representatividade negra por meio das histórias em quadrinhos e a abordagem da temática no ambiente escolar, levando em consideração a parcela de uma nação com maioria negra e parda. O trabalho propõe uma interpelação investigativa, por levantamento histórico da construção do contexto dos quadrinhos, bem como a presença de personagens negros nessa conjuntura, com a representação visual e estereotipada. Da mesma forma, como ponto de análise, o personagem negro Jeremias produzido por Mauricio de Souza na década de 60, identificando a trajetória do personagem nas narrativas da Turma da Mônica passando da posição de coadjuvante, figurante e protagonista de sua própria história na Graphic Novel Jeremias-Pele, denunciando efetivamente o racismo e promover a igualdade racial. Para tal, baseado nos aportes teóricos peirceana, com contribuição das autoras Simões e Santaella, entre outros. Desta forma, corroborando para o estudo das imagens e suas interpretações presente nas histórias em quadrinhos, observando o processo de elaboração, introdução e conservação, tendo como abertura de diálogo a produção imagética e representativa, compreendendo o conceito de identidade racial e suas consequências no Brasil. Em suma, identificar as histórias por meio desse material como instrumento de ensino, possibilita interpretações e análises do que está por trás das imagens e seus sinais, assim Jeremias-Pele proporciona o debate ao racismo velado na realidade infantojuvenil, tendo como colaboradores dessa fala a participação de seus elaboradores e criadores, trazendo uma perspectiva positiva em torno das atitudes humanas da igualdade racial, destacando a escola como protagonista e disseminadora dos direitos iguais.

**Palavras-Chaves:** Semiótica; Iconicidade; História em Quadrinhos; Relações Étnico-Raciais; Jeremias- Pele.

OLIVEIRA, Janayne P. de, Representativeness of blacks in comics: analysis of Graphic Novel Jeremias - Skin in Peircean semiotic perspective. 2020. 117 p. Dissertation (master's degree) - State University of Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 2020.

### ABSTRACT

It is undeniable that the construction of the Brazilian identity was marked by several moments of rejection and struggles against prejudice and racism, leaving permanent marks and scars in the daily lives of the country's black population. Thus, this study aims to analyze black representation through comic books and the approach of the theme in the school environment, considering the portion of a nation with a black and mixed majority. The work proposes an investigative interpellation, by historical survey of the construction of the context of the comic books as well as the presence of black characters in this conjuncture, with the visual and stereotyped representation. Likewise, as a point of analysis, the black character Jeremias produced by Mauricio de Souza in the 60s, identifying the character's trajectory in the narratives of Turma da Mônica passing from the position of supporting, extra and protagonist of his own story in Graphic Novel Jeremias-Pele, effectively denouncing racism and promoting racial equality. To this end, based on Peircean theoretical contributions, with contributions from the authors Simões and Santaella, among others. In this way, corroborating for the study of images and their interpretations present in comic books, observing the process of elaboration, introduction and conservation, having as an opening dialogue the imagery and representativeness, understanding the concept of racial identity and its consequences in Brazil. In short, identifying the stories through this material as a teaching tool, allows interpretations and analyzes of what is behind the images and their signs, thus Jeremias-Pele provides the debate on racism veiled in the reality of children and teenagers, having as collaborators of this speech the participation of its creators, bringing a positive perspective around human attitudes around racial equality, placing the school as the protagonist and disseminator of equal rights.

**Key words:** Semiotics; Iconicity; Comic books; Ethnic-Racial Relations; Jeremias - Pele.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>14</b>  |
| <b>CAPÍTULO I – SEMIÓTICA PEIRCEANA: MATRIZ VISUAL DA LINGUAGEM E PENSAMENTO.....</b> | <b>16</b>  |
| 1.1 Introdução à Semiótica Peirceana.....   | 16         |
| 1.1.1 Semiose: o texto para além da escrita.....                                      | 21         |
| 1.1.2 Ferramentas semióticas no processo de ensino e aprendizagem.....                | 25         |
| <b>1.2 A representação da teoria peirceana nas HQs.....</b>                           | <b>27</b>  |
| 1.2.1 Multimodalidade e multissemióticos.....   | 31         |
| 1.2.2 A multissemiose na escola.....  | 33         |
| <b>CAPÍTULO II – HISTÓRIA EM QUADRINHOS E A REPRESENTATIVIDADE NEGRA.....</b>         | <b>35</b>  |
| <b>2.1 Percurso da História em Quadrinhos.....</b>                                    | <b>35</b>  |
| <b>2.2 Representatividade negra nas HQs.....</b>                                      | <b>48</b>  |
| 2.2.1 Dimensão sociocultural.....   | 59         |
| 2.2.2 Educação Étnico-racial no Brasil.....   | 67         |
| <b>CAPÍTULO III - JEREMIAS – PELE EM EVIDÊNCIA.....</b>                               | <b>74</b>  |
| <b>3.1 Turma da Mônica e Jeremias.....</b>  | <b>74</b>  |
| 3.1.1 Jeremias – Pele.....  | 81         |
| 3.1.2 HQ Jeremias e a iconicidade.....  | 83         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>97</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>101</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>  | <b>107</b> |
| Anexo I – Questionário de Entrevista.....   | 107        |
| Anexo II – Entrevista autor Jefferson Costa .....                                     | 109        |
| Anexo III – Entrevista autor Rafael Calça .....                                       | 114        |

## INTRODUÇÃO

O estudo insere-se na área de concentração em Linguagem: Língua e Literatura, como linha de pesquisa em Sociolinguística, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu nível de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/ UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande - MS. Este trabalho tem origem após a experiência da pesquisadora em participar da Disciplina do Programa de Pós-Graduação Tópicos Especiais em Linguística Aplicada: Quadrinhos, Linguagem e Ensino na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS, bem como participante do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos/ Nupeq na mesma universidade, liderada pelo professor DRT Nataniel dos Santos Gomes, também motivada pela participação no curso de curta duração de Introdução à Semiótica, ofertado pelo Núcleo de Ensino de Línguas/ NEL na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/ UEMS.

Um dos maiores incentivos para elaboração deste trabalho foi a trajetória de vida da pesquisadora repleta de ícones, símbolos e índices na prática de catequista na Igreja Católica, com essa experiência humana estendeu-se para a esfera profissional atuando assim como conselheira tutelar, ampliando os conceitos de igualdade, podendo agir na proteção não só de crianças e adolescentes, bem como das famílias em situação de vulnerabilidade social, possibilitando enxergar que o racismo estrutural é algo mais visível e real, na qual a população negra em sua maioria vive a margem da sociedade e o conceito de democratização estão longe de ser alcançados. No entanto, cabe o estado em suas esferas, movimentos e organizações se unirem em busca de uma sociedade mais igualitária.

Nesse sentido, a academia possui papel importantíssimo em ofertar o espaço e incentivo de expor a realidade social por meio de trabalhos acadêmicos, passando produzir artigos com a temática História em Quadrinho, com base nos variados ramos da Semiótica, em destaque greimasiana e peirceana. Como análise, a vertente dos super-heróis e heroínas do universo dos quadrinhos mais conhecidos, será destacado questões de gênero, étnica, racial e social.

Para delinear os elementos que fundamentassem a pesquisa, surge aproximação dos estudos semióticos na perspectiva multimodais e multissemióticos, relacionando a aplicabilidade no âmbito da educação, na qual está inserida nas propostas legais da educação brasileira, tendo em vista que a imagem é um instrumento de análise e investigação.

Com a finalidade de identificar a história em quadrinho como componente curricular como processo de leitura e interpretação inserido na realidade escolar, de certo modo o trabalho localiza aspectos históricos da evolução das HQs desde os primórdios, sempre com a proposta de comunicação e informação.

Tendo em vista que, o país tem aproximadamente 56% da população de negros e pardos, que sofrem todos os tipos de preconceitos explícitos ou velados, nesse sentido o estudo busca identificar a inexpressiva representatividade dos negros na História em Quadrinho.

Ademais, a insignificante apresentação de personagem negros no cenário das HQs está relacionando a uma sociedade que reflete o racismo e o indiferença, desse modo, aprofundar nas dimensões socioculturais e demonstrar o quanto o comportamento social se reflete nos instrumentos de comunicação social, diante da concepção ideológica o estudo propõe em verificar se a abertura aos temas étnicos raciais e são abordadas na educação brasileira, ou seja, são desprezados como nas histórias em quadrinhos.

Este trabalho consiste em realizar análise semiótica peirceana no que tange leitura de imagens da História em Quadrinho da Graphic Novel Jeremias-Pele, presente no universo dos quadrinhos de Mauricio de Souza Turma da Mônica. Nesse sentido, desvendar um universo de significações usando como base a visão tricotômica da semiótica de ícones, índices e símbolos, possibilitando a discussão em torno da contribuição das HQs no desenvolvimento dos processos mentais da realidade e suas expressões simbólicas.

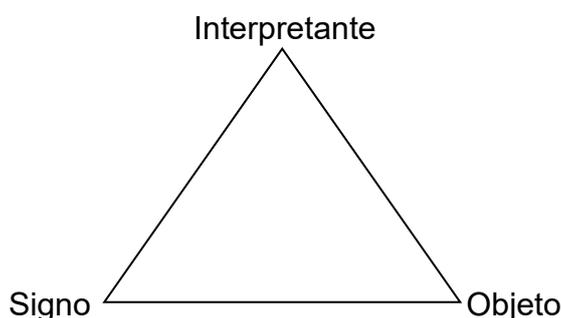
Portanto, no final do trabalho, será destacado o ponto de vista dos autores e a narrativa histórica de suas carreiras, bem como a extensão social em que a obra Jeremias-Pele alcançou sua importância na abertura do diálogo sobre racismo e preconceito em todos os lugares, principalmente o papel central da escola no enfrentamento desses dilemas.

## CAPÍTULO I - SEMIÓTICA PEIRCEANA: MATRIZ VISUAL DA LINGUAGEM E PENSAMENTO

### 1.1 Introdução à Semiótica Peirceana

A concepção de signos e suas significações são de suma importância neste trabalho, com o objetivo a reflexão referente os fundamentos da semântica e semiótica, bem como sua relação com os signos linguístico. Diante disso, apresentando a base aos métodos semióticos tendo como fundamento o signo, conforme Ferdinand de Saussure, em seu Curso de Linguística Geral, apresentou o signo como “uma entidade psíquica de duas faces” (SAUSSURE,1969, p. 80). Contudo, o signo gera uma imagem acústica, ou seja, a impressão psíquica do som, sendo o significante, acarretando outro fenômeno psico-semiológico, criando conceito de significado, logo, a estrutura de um signo. A figura traça os conceitos teóricos das significações linguísticas saussuriana, suporte para Charles Sanders Peirce, segundo ele, o signo é um *representâmen*, elemento que representa algo para alguém e o interpretante o signo mais desenvolvido. É isso que forma a relação triádica de signo (Ferrara, 1986, p. 66)

**Figura 1 – Triádica Teoria Peirce**



Fonte: SIMÕES (2019, p. 47)

Dentre as percepções Peirce, distingue as etapas dos estudos aprofundados da semiótica, difundindo em três categorias da fenomenologia, ciência normativa e metafísica. Santaella (1983) esclarece que o fenômeno

surge na mente podendo ser um sono, pensamento ou algo que se senti, lembra, na qual está relacionada ao espaço e tempo, fazendo com que o senso comum esteja sujeitado a realidade.

Para exercer uma autocrítica e controlar o pensamento, sentimento ou conduta, a função destinada para a ciência normativa corresponde aquilo que investiga as leis e as necessárias relações com os fenômenos até os fins, ou seja, talvez, com a verdade, o direito e a beleza (CP 5.121). Ademais, incluísse a metafísica como estudo do “sobrenatural”, relação entre mente e a física, ou seja, matéria e espírito.

E parece ser óbvia a afirmação de que sempre vemos as coisas do modo como queremos ver. Trata-se apenas de saber até que ponto esse querer do homem está subordinado a certa necessidade. Esta questão, porém, extrapolando o elemento artístico em direção ao complexo global da realidade histórica, chega mesmo a adentrar os domínios da metafísica. (WÖLFFLIN, 1989, p.6 ).

Com o conhecimento expandido na semiótica peirceana, entende que cada etapa possui suas subdivisões com características específicas. Nesse sentido, a fenomenologia se manifesta em categorias cenopitagóricas, sendo elas a primeiridade, secundidade, terceiridade. Imagem ilustrativa abaixo das relações tricotômicas e os signos resultantes.

**Figura 2 – Divisão dos Signos**

| DIVISÃO DOS SIGNOS |                               |                              |                                     |
|--------------------|-------------------------------|------------------------------|-------------------------------------|
| CATEGORIA          | O Signo em relação a SI MESMO | O Signo em relação ao OBJETO | O Signo em relação ao INTERPRETANTE |
| PRIMEIRIDADE       | Quali-signo                   | Ícone                        | Rema                                |
| SECUNDIDADE        | Sin-signo                     | Índice                       | Dicente                             |
| TERCEIRIDADE       | Legi-signo                    | Símbolo                      | Argumento                           |

Fonte: Semiótica, ideologia e retórica. (PUC- Rio, p. 170)

A experiência humana está no sentir, ver e ser, algo imaterial que não se pode ser pensado, sendo ele a primeira etapa da triádica peirceana, ou seja a primeiridade. (SIMÕES, 2019).

O entendimento da segunda categoria remete a comparação da ação, no que se refere aos atos de conduta, para Simões secundidade é imperceptível, mundo das reações, assim como a dimensão psicológica. Trata-se da resposta da relação entre o signo e seu sujeito. (SIMÕES, 2019, p. 47). Com função de comunicação entre a primeira e a segunda, seguindo do pensamento ao conceito, conceito de continuidade a lei da regularidade. Segundo Santaella:

Finalmente, terceiridade, que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo (SANTAELLA, 1983, p.31).

Segundo a tabela das categorias e seus resultantes, o signo que possui relação a si mesmo, ou seja, o *representâmen* é a coisa e maneira que ela representa. Para Santaella (1983), as categorias semióticas se distinguem em qualidade (quali-signo); uma existência singular (sin-signo) e uma lei (legi-signo).

No que tange ao signo em relação ao interpretante, suas categorias se deliberam em três resultantes a rema, discente e argumento, tendo cada uma de suas características, na qual o rema é qualificado como “a presença de um signo de uma propriedade que poderia estar corporificada em alguma ocorrência ou entidade apenas possível” (SANTAELLA, 1983, p. 188). O discente “é um signo que será interpretado pelo seu interpretante final como propondo e veiculando alguma informação sobre um existente” (SANTAELLA, 1983, p. 190) e o argumento exposto na tricotomia como um signo de lei de acordo com seu interpretante.

Segundo Simões (2019), quando um indivíduo está restrito ao conhecimento de outra língua, ele substitui por algo que faz analogia, com objetivo de expor sua concepção. Desta maneira, a capacidade de interpretar o signo com o objeto representado, na qual é fundamentada na análise do sistema de tricotômica, ícone, índice e símbolo.

Ferraz Junior (2012) esclarece a compreensão das fases semiótica que estabelece a primeiridade o ícone semelhante com o que representa, secundidade como índice relacionando a um objeto, e a terceiridade ao

símbolo, ou seja, signos relacionados por associação. Ao exemplificar, o ícone visto na bandeira do Brasil o retângulo, losango, verde, amarelo, no que se refere no índice pintura ou fotografia e o símbolo a palavra “Brasil” é um símbolo de uma nação, mas a bandeira possui os signos icônicos, que juntos indicam uma nação que representam o Brasil, ou seja, o símbolo da nação. Como observa Simões,

A partir daí é possível entender-se a construção de paradigmas como “produção de signos que podem orientar determinadas análises”. É importante esclarecer que um paradigma pode ser tomado como ícone, índice ou símbolo, dependendo de sua utilização. (SIMÕES, 2019, p. 50)

Na linha tricotômica, a segunda etapa das ciências normativa e suas subdivisões em estética, ética e lógica ou semiótica, cada um com sua funcionalidade. Estética se define como ciência daquilo que é objetivamente admirável sem qualquer razão ulterior. É a base para a ética ou ciência da ação ou conduta que da Estética recebe seus primeiros princípios. Sob ambas, “e delas extraindo seus princípios, estrutura-se em três ramos a ciência Semiótica, teoria dos signos e do pensamento deliberado” (SANTAELLA, 1983, p. 19).

Em seu percurso, a lógica ou semiótica remete ao sentido de análise mais profunda da teoria, em primeiro plano a gramática especulativa que estuda e classifica os signos, ou seja, na qual foi traçado nas tricotomias anteriores e seus signos resultantes. Nessa linha de raciocínio, toma-se como marca a segunda etapa da lógica crítica, tem como base de estudo as interferências, raciocínios, argumentos, estabelecendo em abdução, dedução e indução.

Segundo Simões (2019):

A abdução que se volta para os estudos dos fatos e para criação de uma teoria que os explique. (...) O raciocínio dedutivo visa à aplicação de regras gerais, sendo as conclusões também ideias. (...) As conclusões podem ser obtidas através de teste. O teste experimental de uma teoria é feito pela indução. (SIMÕES, 2019, p. 50) .

Por conseguinte Simões (2019), os métodos de raciocínio são examinados pela metodêutica, sendo assim, os resultados são signos

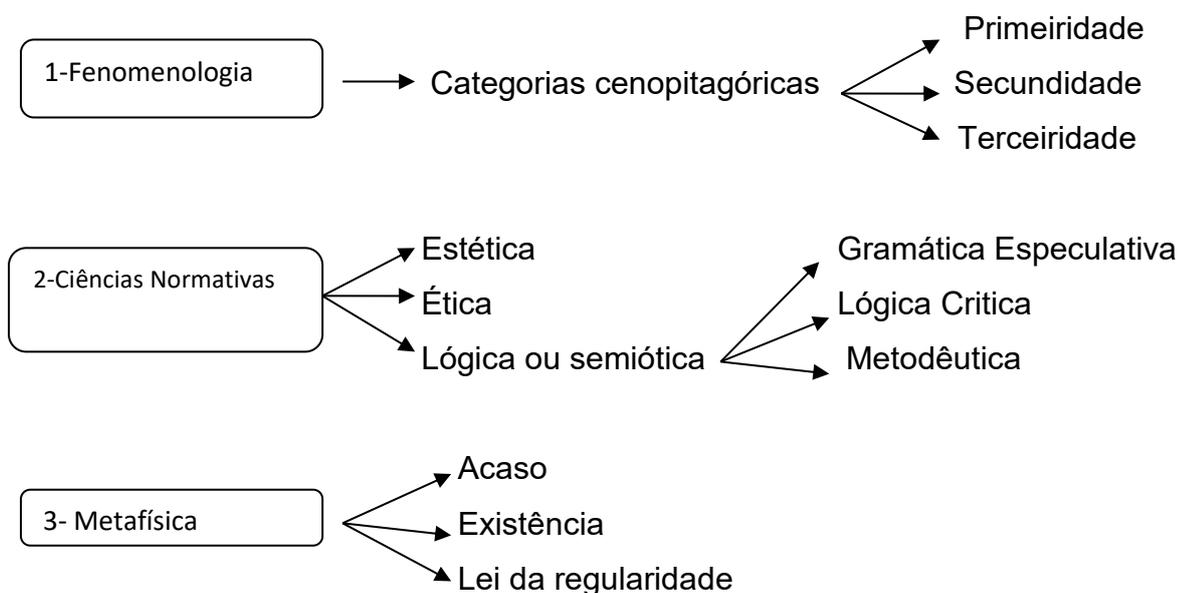
interpretativos, conceito levantado por Peirce para designar os meios existentes na semiótica.

Em observação do comportamento dos signos é pertinente realizar alguns questionamentos como: quais são os poderes de referência de signos? Que informações transmitem como eles se estruturam em sistemas? Como são produzidos? Como são emitidos ou utilizados, que tipos de efeitos são capazes de provocar no receptor?. Desse modo, a metodêutica é um estudo que dá condições necessárias para a transmissão do significado dos signos de uma mente a outra e de um estado da mente a outro. (CP 1.445)

A interpretação no que tange a razão se dá como objeto de estudo a metafísica, dividindo em uma triádica acaso, existência e lei da regularidade. Segundo Santaella (1983, p. 19) definindo realidade ou real como sendo precisamente aquilo que é de modo independente das nossas fantasias, pois "vivemos num mundo de forças que atuam sobre nós, sendo essas forças, e não as transformações lógicas do nosso próprio pensamento, que determinam em que devemos, por fim, acreditar", fica claro porque a Metafísica comparece como resultante e não antecedente de toda sua filosofia.

Associando os conceitos semióticos demonstrada neste mapa mental suas categorias e resultantes, no intuito de facilitar o entendimento.

**Figura 3 – Mapa Mental dos Conceitos semióticos Peirce**



Portanto, Peirce elaborou a tipologia dos signos em tricotomias, faz necessário compreender as categorias que são operantes, para Santaella a semiótica peirceana é, antes de tudo, uma teoria sógnica do conhecimento, que desenha, num diagrama lógico, a planta de uma nova fundação para se repensar as eternas e imemoriais. (SANTAELLA, 2008, p. 90)

Considerando a teoria dos signos de Peirce, com base nas linhas teóricas mencionadas, segundo a tricotomia (ícone, índice e símbolo), será empregada neste trabalho, identificando “o de qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significado” (SANTAELLA, 1983, p. 13).

### 1.1.1 Semiose: o texto para além da escrita

O princípio de análise semiótica peirceana, dá base teórica e metodológica, com parâmetro de leitura além do texto escrito, uma proposta e ferramentas de análise do texto verbal e não verbal. Seguindo Gomes (2017), para se comunicar o homem se utiliza de recursos para transmitir ideia ou informação, sendo eles canais de recepção como a visão, audição, olfato, paladar e a percepção de movimentos.

Para Santaella (1983), a semiótica é um processo de linguagem que também se expressa pela cor, forma, volume e textura, é quando apresentados são fragmentados em três dimensões, na qual a categoria está presente em todas as partes.

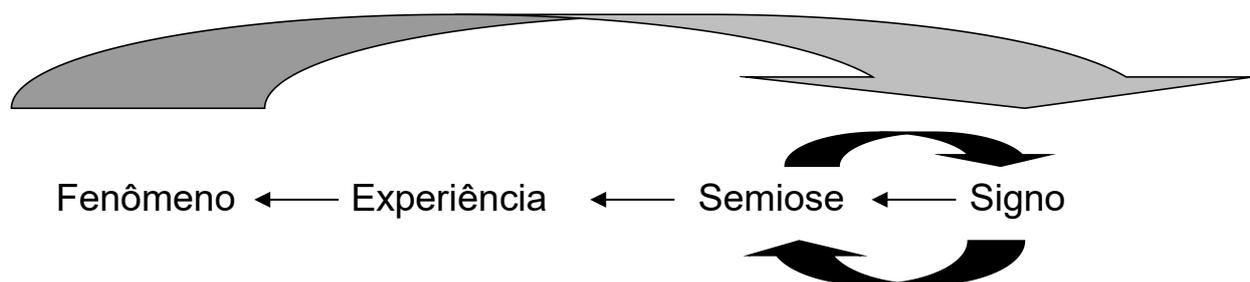
Dessa maneira, a relação signo-objeto-interpretante é chamada de semiose, ou seja, a ação do signo, “o processo no qual o signo tem um cognitivo sobre o intérprete” (NÖTH, 2003, p. 66).

A semiose comporta-se, apontando o existente como signo, como as HQs ele é um signo, produzem um efeito interpretante no qual ele é um signo, elas se referem a algum assunto, algum tem ao possui um contexto, sendo ele o objeto da História narrada. Segundo Santaella e Noth (2003) [...] “todas as imagens produzidas por conexão dinâmica e captação física de fragmentos do mundo visível, isto é, imagens que dependem de uma máquina para registro, implicando necessariamente a presença de objetos reais preexistentes”.

O signo possui um grau de interpretabilidade nele mesmo, produzindo efeito na mente e possuindo objetividade, que o torna apto a produzir resultado, gerando três níveis de efeitos emocionais, esforço ou lógico. Segundo Simões Considerando-se que o texto escrito pode ser tido como um objeto visual, e que a leitura é um processo de semiose [...] o instrumental semiótico adquire grande relevância para a análise do signo-texto (SIMÕES, 2010, p. 571)

Nesse sentido, as linguagens se constituem de signos, na qual a semiose tem objetivo de investigar todas as linguagens possíveis, ou seja, examinar os modos de elaboração de todo e qualquer fenômeno sendo ele de produção de significação. Sendo assim, as etapas que perpassam este exame e se constitui o todo, conforme a linha lógica exposta.

**Figura 4 – Linha lógica Peirce**



Fonte: Dalago, Renan. Introdução à Semiótica (2019)

Por isso, o signo é tudo o que nos faz lembrar de algo e é perceptível aos nossos sentidos, é a essência da semiótica, Santaella (1983, p. 35). Observa-se que “o signo é uma coisa que representa outra coisa: seu objeto”. O comportamento comunicativo avança para a transformação do referencial teórico da semiótica como suporte metodológico que utiliza como matéria prima as palavras, imagens e tudo que possa gerar significado. Assim, para Cortina e Silva (2014):

No esforço de preencher suas próprias lacunas para explicar os “ruídos” dos objetos e das disciplinas “engenhastes”, a semiótica sofreu uma reformulação de suas possibilidades de descrição. O percurso gerativo, representando a economia geral da teoria no plano do conteúdo já não bastava. Era

preciso ir além e fora dele, chegando ao outro plano da semiose: a expressão. Esse foi o caminho que ela foi forçada a realizar ao se debruçar sobre novos objetos que exigiam um olhar para as substâncias de manifestação. Inicialmente delineada como uma ciência das formas e não das substâncias, os avanços dos estudos do plano de expressão definem-na hoje de maneira diferente (CORTINA; SILVA, 2014, p. 08).

As ações dos signos mostram o que há além das palavras, possibilita as relações de comunicação por meio da linguagem seja ela verbal ou não verbal, trocar informações, expressar os sentimentos e pensamentos, fazer questionamento por meio de palavras, gestos, símbolos, postura corporal até mesmo por tom de voz. Consonante com a ideia de semiologia de Peirce Um elemento constitutivo no processo do signo triádico ou semiose, tal como (CP 5.484) define o processo em que o signo tem um efeito cognitivo no seu intérprete. Mas a semiose não pode ser reduzida à cognição. Ela pressupõe a percepção, um processo triádico gerado na consciência do observador a partir de um nível de sentimento imediato ainda indiferenciado, no qual ele é “meramente a qualidade de um signo mental” (PEIRCE, CP 5.291).

Um dos aspectos possíveis de interferir na aplicação é o código a ser utilizado esse deve ser entendível para ambos, emissor e receptor, a ideia vem em concordância com Simões (2017), que a semiótica visual, a imagem é uma manifestação autossuficiente, é um texto porque comunica uma mensagem. Confirmando o conceito de que a representação visual tem base icônica, tornando-se um ícone compósito sintagmático de linhas, traços e cores, do qual surge uma interpretação e significado dependendo da realidade em que o leitor está inserido.

Ainda convém lembrar, que quando identificado os tipos de linguagem, facilita a interpretação e compreensão dos signos sejam eles verbais ou não verbais. Segundo Simões, o sistema receptor deve estar apto a captar o signo, analisar o contexto até reduzir a condição de sinal, por sua vez, sujeito a semiose, que é a construção da função sígnica, (...) a imagem detém força especial: a de transcender os limites dos sentidos e da contextualização. (SIMÕES, 2017, p. 51)

O exemplo da contextualização depende de seu receptor dentro do seu espaço cultural, como Eco cita “uma expressão não designa um objeto, mas um conteúdo cultural” (ECO, 1980, p. 51), no que representa o limite dos

sentidos e da contextualização onde um símbolo trás sua carga semântica de significado para o que esta a vista, fazendo leitura não verbal de acordo com o contexto cognitivo do receptor. A palavra “casa” é capaz de oferecer resultados múltiplos a variados indivíduos.

**Figura 5 –** Relações de Signo, Objeto e Interpretante.



Fonte: SIMÕES (2017)

A despeito dessas “motivações” iniciais conferida à imagem, este é um signo tão arbitrário quanto qualquer outro, pois seu significado será resultante da correlação entre dois factivos (cada um dos termos de uma função): o repertório do intérprete e o interpretante, disto emerge uma convenção. Com o processo de conhecimento os conjuntos de traços norteiam a leitura dos sinais, nos quais são compostos de práticas e experiências, que colaboram para a interpretação e produção (SIMÕES, 2017).

O que estabelece o ato de interpretação são os contatos da arbitrariedade e motivação como na imagem da casa. Para Simões, elas são linguagens criada culturalmente pelo homem contendo graus de diferentes abstrações, diferenciando o signo pictorial que assenta numa abstração de segundo grau: as palavras são construídas a partir de grafemas, ou seja, entidades visuais, sem qualquer significação imediata, a não serem as que foram institucionalizadas (SIMÕES, 2017).

Nessa perspectiva, entende a necessidade de decodificar as mensagens com mais experiências vivenciadas, seja por meio da leitura do universo ou informações que possuem o signo, possibilitando a capacidade de desvendar o seu mundo.

### 1.1.2 Ferramentas semióticas no processo de ensino e aprendizagem

Em vista dos fatos mencionados, a potencialidade dos métodos semióticos no ensino aprendizagem são conceitos de instrumentos de análise e trabalho em diversas áreas teóricas como o ensino e aprendizagem, assim como o processo de cognição do indivíduo. Para Simões:

Semiose é uma noção chave para a análise do desenvolvimento dos signos. Não tenho dúvidas de que o estudo do desenvolvimento cognitivo em uma perspectiva baseada nas teorias semióticas irá trazer grandes contribuições para os pesquisadores da área da cognição, e para a observação das relações e inter-relações entre a linguagem e os signos (SIMÕES, 2013, p. 67).

No conceito de aprendizagem, as mediações simbólicas possibilitam o desenvolvimento humano, na qual a interação do homem com o mundo não é direta, estimulada para que o processo ocorra. Para Vygotsky (1996), o psiquismo humano é mediado por duas ferramentas o instrumento e a ação, que esta relacionada ao objeto e ao signo, modificando toda concepção.

De certo modo, o humano tem capacidade de criar instrumentos para determinados fins, dedicado a transmitir em um grupo social suas funções e métodos de construção em que no “processo de ensino e aprendizagem consiste no âmbito da imaginação, pois ela pode criar cada vez mais novos níveis de combinações, concertando, de início, os elementos primários da realidade”. (VYGOTSKY, 1996, p. 21). Nesse sentido, a intenção do mediador signo é de promover instrumentos de atividades psicológicas, possibilitando um comportamento controlado e essencial para o desenvolvimento dos processos mentais.

Para Piaget, sua tese construtivista da inteligência dá fundamento para o desenvolvimento da teoria da aprendizagem, abordando a relevância do aprendiz como figura de destaque como agente motor de seu próprio aprendizado. Segundo ele, “a inteligência procede à linguagem, o que não significa que a inteligência proceda à comunicação como único processo”. (PIAGET, 1983, p. 53). Ademais, Piaget enfatiza a percepção sobre as experiências ao quadro de interpretação do aprendiz, na qual é incapaz de

interpretar em sua totalidade, pois está sujeito a interferências das experiências individuais.

Nessa perspectiva, seja por mediadores ou por ponto de partida das experiências, o processo de aprendizagem se relaciona livremente as funções semióticas, logo, aprender por meio do signo apresentado no processo de ensino-aprendizagem revela os conceitos da comunicação. Para tanto, é refutável mencionar que a comunicação é baseada em código, por conseguinte, tendo que decifrar.

Em consonância com Simões, a relevância da imagem no desenvolvimento da aprendizagem se dá pela leitura, tem como estímulo inicial sua constância, onipresença no cotidiano e sua abundância. (SIMÕES, 2017, p. 36). Sendo assim esclarece que o processo de aquisição dos códigos verbais é possível para todos, mesmos os que não obtêm conhecimento teórico, mas usa vivência lhe conduz.

Leva-se em conta também as observações de Lévy (1993):

O conhecimento por simulação favorece uma relação mais sensorial entre o usuário e os programas, quando a visão, a audição e o próprio tato são mais utilizados do que com a oralidade e escrita, contribuindo para o aprendizado do usuário. O que ocorre com a simulação não se assemelha nem a um conhecimento teórico, nem a uma experiência prática, nem ao acúmulo de uma tradição oral (LÉVLY, 1993, p.122).

Com o desenvolvimento de novas habilidades, se dá há novas possibilidades e novas concepções de leitura do mundo, perpassando pela estrutura cognitiva que se utiliza do pensamento para traduzir a realidade, dando fundamentos para resolução de problemas. Nesse sentido, “todo processo de cognição atual tem a natureza de um signo, pois uma ideia (ou signo) é algo que ocupa o lugar daquilo que ela representa (seu objeto) e que é capaz de levar para cognições posteriores a ideia daquilo que ela representa (seus interpretantes)“(PEIRCE, 1975, p. 76).

No intuito de facilitar o processo de aprendizagem, as representações podem ser expostas de diversos recursos como palavras, imagens, ícones, expressões por meio dos desenhos, navegações. Para Santaella e Nöth (1999, p. 59) “explorar as semelhanças e diferenças entre palavra e imagem, indagam

sobre os atributos imagéticos que existem na própria palavra, assim como o seu oposto, o que a imagem tem em comum com a palavra”.

Contudo, a imagem é uma linguagem não verbal e mista, aquela que possui escrita e imagens e variados são os recursos contendo esses elementos de estudo, que oportuniza o processo de ensino e aprendizagem de modo diversificado e dinâmico. Contribuindo com a ideia Santaella e Nöth que enfatizam e mencionam como curioso “o modo como exploramos uma imagem, o que é feito não de modo global, mas por fixações sucessivas que duram alguns décimos de segundo cada uma e limitam-se às partes das imagens mais providas de informações” (SANTAELLA & NÖTH, 1999, p.59).

## **1.2 A representação da teoria peirceana nas HQs**

A leitura de imagem não é tão fácil quanto parece, necessita de orientações adequadas, na qual a leitura faça sentido, assim como as imagens estejam enquadradas de acordo com as escritas verbais. Como foi possível identificar nas falas anteriores de que as HQs podem e devem ser utilizados como recursos pedagógicos no ensino e aprendizagem, cabe salientar as características específicas que as compõem com presença de linguagem verbal e não-verbal, são estruturados por requadro ou caixa de texto/ imagem, balão ou recordatório (diálogo), calhas (espaço entre os requadros de acordo com a figura) onomatopeia (sons e expressões), desenho/ imagem dando significado à narrativa visual.

Segundo Simões (2017):

É possível, então, concluir da riqueza da imagem enquanto estímulo da produção verbal em geral, pois, ao enquadrar uma imagem sensível – visual – o leitor torna-se capaz de transportar-se para outros espaços/tempos e, então, deixar a imaginação trabalhar, operar com seu saber, em geral, e como o saber lingüístico, em especial. (SIMÕES, 2017, p.62).

É inegável que, a imagem é motivadora no processo de ensino e aprendizagem, quando as linguagens verbais e não-verbais interagem no mesmo gênero, a leitura e interpretação passam a serem mais dinâmica e agradável. Em consonância Simões (2017, p. 61) “a imagem figurativa é uma

forma de incentivar a leitura em decorrência de sua similaridade ou analogia mais imediata com seu referente.

Em detrimento dos novos referenciais pedagógicos que norteiam o ensino em destaque da língua portuguesa, acrescentam como método de análise a semiótica, logo inserido na BNCC - Base Nacional Comum Curricular na habilidade (EF89LP34). Analisar a organização de texto dramático apresentado em teatro, televisão, cinema, identificando e percebendo os sentidos decorrentes dos recursos linguísticos e semióticos que sustentam sua realização como peça teatral, novela, filme etc.

A definição de uma imagem depende daquelas que a precedem e sucedem, já que os elementos têm significação em presença (sintagmática) e está relacionada com a disposição temporal de seu componente, ( SIMÕES, 2017, p. 61-62). Com a finalidade de auxiliar na leitura e interpretação das HQs, nas quais propiciam em análise mais profunda de variados componentes curriculares, além disso, a essência condita nas histórias em quadrinhos é repleta de signos e significações que é contemplado pelo método científico semiótico.

Ao analisarmos o modelo peirceana, vemos que pode contribuir na perspectiva de raciocínio sendo ele sustentado por três espécies abdução, dedução e indução, contanto que seja texto, imagens, gestos, expressões na qual as conclusões podem ser fundamentadas por meio de testes partindo da partícula nas estimativas prováveis. No entendimento de Netto (1980), o interpretante se origina do signo-objeto, estabelecido pelo método semiótico peirceano, em que a imagem esta relacionada à triádica dos signos.

As histórias em quadrinhos compreendem de uma mistura de imagem-palavra de fácil decodificação dos textos, um gênero complexo que constitui elementos narrativos de diversas manifestações artísticas, que mesmo no início tenha enfrentado resistência hoje é considerada a 9º arte, desde 1980. De conformidade Ferrara (1981) explana, a relação rígida entre significado e significante não está vinculado ao objeto real e sim ao contexto inserido, um significado codificado existente na arquitetura, mensagem publicitária, cinema e pintura.

Os elementos gráficos são componentes essenciais para que as histórias em quadrinhos possam expressar sentimento ao leitor, para que se

sinta envolvido, possibilitando uma reflexão de mundo. Eisner (2005) O processo de diálogo entre o texto e o desenho nas histórias em quadrinhos ocorrem por meio do letreiramento, elemento gráfico que ambienta a narrativa entre a escrita e a imagem.

Segundo Eisner :

A função fundamental da arte dos quadrinhos, que é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (como pessoas ou objetos) no espaço. Para lidar com a captura ou o encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmento sequenciados. Esses segmentos são chamados de quadrinhos (EISNER, 2005, p. 39).

Sendo assim, a utilização de formas, cores, tamanhos, enquadramento e traços, faz com que o autor utilize instrumentos na construção dos quadrinhos seja uma transmissão clara de significado ao leitor. Com a interação entre os fenômenos semióticos e as alternativas de análises, fica evidente que diversos signos são apresentados entre verbo-imagem, as HQs passam a ser um “ambiente icônico utilitário, supõe um volume sígnico, um envolvimento espacial do signo ou o inverso, um envolvimento sígnico do espaço, de tal modo, ambos, signo e espaço, se articulam e constrói uma unidade ambiental.” (FARRARA, 1981, p. 72)

A representação não é a meta, mas sim o delinear de suas funções colhidas nos seus processos de interação da parte para o todo e o feixe de relações daí decorrentes. “O objeto aprendido em funções é, pois, o universo da percepção e da informação, materialmente estruturadas”. (FERRARA,1981). O conceito da semiótica permitiu uma ampliação das diferentes formas de comunicação da humanidade, mas também no desenvolvimento, identificando seus diferentes suportes das manifestações artísticas, literária e discursiva, mesmo que permeie no universo de cultura de massa.

Sob a perspectiva, “o interpretante imediato corresponde ao sentido palavra à qual Peirce continuou preferindo o termo antigo acepção”. ( NETTO,1980, p. 71). Sentido é o efeito total que o signo foi calculado para produzir e que ele produz imediatamente na mente, sem qualquer reflexão prévia; é a interpretabilidade peculiar ao signo, antes de qualquer intérprete. Assim estabelecer relações nas narrativas das histórias em quadrinhos, postas

em eventos deliberados e arranjados em espaços e mundos nunca imaginados, com objetivo de atingir o efeito emocional.

Logo, ler quadrinhos é uma tarefa complexa que requer “percepção estética e esforço intelectual” (EISNER, 1999, p. 8), de linguagem fácil, atrativa e dinâmica, atrai leitores para o universo da narrativa com presença de contos, lendas, mitos, podendo aparecer no mesmo momento. Nessa perspectiva os quadrinhos são usados como diferentes recursos e procedimentos didáticos, sendo um recurso metodológico relacionado às diferentes mídias em meios de comunicação, possibilitando a socialização de informação e a prática de diálogo entre locutor e receptor. Confere com o conceito de Ramos que defende em suas pesquisas que os quadrinhos podem ser considerados, “[...] um grande rótulo, um hipergênero, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades” (RAMOS, 2009, p. 20).

Como estratégia de ensino, as utilizações desses instrumentos são possíveis de análises e resultados, propondo organizar trabalhos em outras vertentes de estudos, assim desenvolver procedimentos de pesquisa próximo de seu público, bem como conquistar mais consumidores para leitura e análises. De conformidade, a ideia “possibilita ler a imagem como se lê à prosa, afinal, os quadrinhos “empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis”. Eisner (1999, p. 8)

Ademais, as diferentes dimensões fazem com que a história em quadrinho seja também uma fonte histórica, com uma diversidade de texto que possibilita o reconhecimento do gênero como expressões históricas e culturais diversificada, nas quais se modificam no decorrer do tempo. Nesse sentido, o gênero deve receber um foco específico de cada disciplina, permitindo uma abordagem interdisciplinar. Mcccloud “indica que é possível (e necessário) encontrar uma definição de quadrinhos, e uma definição bastante ampla – tão ampla e ilimitada como o universo”. (MCCLOUD,1995, p. 3). Sendo assim, a amplitude em que as HQs proporcionam é substancial para a construção do conhecimento histórico e social.

### 1.2.1 Multimodalidade e multissemióticos

Tendo em vista os aspectos observados, o ensino do letramento foi moldado pelo letramento impresso, ou seja, as letras e palavras, com o desenvolvimento das novas tecnologias o cenário se modifica, havendo a necessidade de ampliar outras habilidades, possibilitando articular novos elementos, no qual o indivíduo deve estar disposto a ler, interpretar textos multissemióticos.

Dado o exposto, a semiótica passou a ser um componente curricular no ensino e aprendizagem, no que tange a instrução das múltiplas linguagens, adequando a nova realidade, assim incorporando na Base Nacional Comum Curricular, em sua habilidade (EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slide de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas.

Isso remete entender qual a relação com o texto, no que tange a estrutura de um enunciado verbal ou não verbal, capaz de construir significado, exemplo música, pintura, poema e HQ. Segundo Yuste Frías (2011), com a inovação tecnológica presente no ambiente escolar, as HQs se revelam como instrumento complexo e multimodal, contendo linguagem verbal e não verbal, de alcance para variadas leituras, períodos e culturas.

Conforme Ottoni:

(O termo multimodalidade foi introduzido para jogar luz para a importância de se levar em conta não só a linguagem verbal como os outros aspectos semióticos, as músicas, os gestos, etc.) na construção dos textos. A crescente ubiquidade do som, da imagem, dos movimentos/ animação, por meio da TV, do computador, da internet está, sem dúvida, por trás dessa nova ênfase e interesse na complexidade multissemióticos das representações que nós produzimos e vemos ao nosso redor. (OTTONI, 2010, p.10 ).

“Capacidade crítica [...] para que interpretem e produzam texto construídos por cores, sons, imagens, movimentos” (LOURENÇO, 2013). Portanto, seja a palavra oral ou escrita a unidade principal é o signo, podendo ser nomeada de linguagem mista, quando a presença de uma mistura de

signos, em uma mescla de sistema de significações, o termo relacionado aos textos mistos termo em desuso no ambiente acadêmico, recentemente denominado como multimodalidade, de acordo com a ideia “os textos multimodais são vistos como produção de significado em múltiplas articulações.” (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001, p. 4).

Para ilustrar, nos textos multimodais possuem mais de um tipo de linguagem ou sistema de significação, assim chamados de textos multissemióticos, onde ocorre a mistura dos signos, assim denominada de multissemieose. Sob o mesmo ponto de vista de Kress & Van Leeuwen (2001) informam que as interações discursivas, são advindas de elementos semióticos simultâneos.

Entender que a linguagem verbal sobressaiu da linguagem não-verbal, destaque no processo de alfabetização, sempre usando o lúdico, ou seja, imagem, cores, sons, etc. Com as revoluções tecnológicas, as formas de produções de diferentes linguagens se expandiram, mediante a utilização da internet, tendo a presença da multissemieose, claramente existente nas redes sociais *chats*, *You Tube*, *blogs*, *whattsap*, acessando a internet se abre um universo de linguagem multimodal, reunindo imagem e som, sabendo que a linguagem já existia nos cinemas e teatros, visto que as expressões e gestos demonstram um processo de comunicação, assim “a força visual do texto escrito permite que se reconheça o seu gênero mesmo que não tenhamos o domínio da língua em que está escrito” ( DIONÍSIO, 2006, p. 188).

Ademais, reconhecer que as estruturas de elaboração da comunicação multimodal sofisticaram-se o que antes na elaboração de uma produção cinematográfica necessitava diversos recursos de maneira artística e improvisada, atualmente qualquer indivíduo pode pegar seu celular gravar suas falas, movimentos, editar e escrever legendas, sendo assim, envolvido com a linguagem multimodal em todo lugar e a todo instante.

Segundo Ferrara (1981):

A revolução dos procedimentos artístico torna-se um princípio de atuação que mantém sempre em alerta criativo a capacidade de percepção, de um lado, do emissor, do criador, apreendendo o universo não nos seus aspectos referenciais, mas estruturais, de outro lado, coloca o receptor, sentidos despertos para apreender o inesperado, mais insinuado que

dito, porém capaz de reformular sua visão do universo. (FERRARA, 1981, p.19).

Em outras palavras, para o indivíduo formular sua percepção de mundo os recursos sensoriais lhe concedem informações precisas construindo manifestações de diversas linguagens, produzindo diferentes fundamentos sendo ele um fenômeno multimodal por meio de textos escritos, orais ou imagéticos, surgindo até textos compostos de movimento com sons e imagens, isso tudo de forma simultânea.

### 1.2.2 A multissemiótica na escola

Desse modo, ressalta a utilização do universo da multimodalidade podendo ser utilizado em diversas áreas, assim como no processo de ensino e aprendizagem como foi citado anteriormente, mostrar aos educadores como trabalhar com variados recursos em diferentes situações, assim sendo inserido em diferentes etapas da educação, “na qual desenvolvimento da ciência da linguagem e dos gêneros ganhou ainda mais notoriedade em diversas áreas do conhecimento.” (DIAS, 2011, p. 144)

O professor deve empregar diferentes recursos e procedimentos didáticos ajustando as possibilidades e dificuldades de aprendizagem dos alunos sempre levando em conta a natureza as necessidades e o grau de complexidade dos conteúdos, as histórias em quadrinhos podem ser um desses recursos, por isso “na era da multimodalidade, os modos semióticos além da língua são vistos como complementos capazes para servir à representação e comunicação” (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001, p. 46).

Ao ler um poema para alunos, exige do professor mediador habilidade maior de trabalhar com imaginário de seu aluno, com os recursos multimodais passar a ser um estímulo de resignificação do objeto, auxiliando na memorização e associação entre a figura e as palavras. Segundo Kress resume-o como “um recurso socialmente formado e culturalmente aceito para fazer algum sentido”. (KRESS, 2009, p. 54)

A semiótica contempla o estudo nos signos e em todas as linguagens inclusas em acontecimentos culturais como fenômenos produtores de significações, nesse sentido, o conceito que possibilita ser aplicado nos

mecanismos educacionais, perpassando por esferas naturais e culturais. Sob o mesmo ponto de vista, o conceito que destaca a ideia multimodal tenta evidenciar todos os modos de representação são moldados por seus usos sociais, históricos e culturais, a fim de realizar funções sociais. (GUISARDI, 2015, p. 67)

As representações e uma sociedade podem ser ligadas às cores, ainda que a identificação do ambiente ao redor em que vive, estabelece uma relação ao explicar a criação de significados, “porque cada sociedade tem sua própria percepção diferente das cores, existiram, existem e existirão sociedades em que a cor e o contraste são vistos de maneira diferente” (YUSTE-FRÍAS, 2011, p. 263). A abordagem multimodal nesse contexto busca compreender a articulação de diversos modos de comunicação, tal forma que a preocupação central e a prática de ensino vinculem as histórias em quadrinhos como gênero textual multimodal.

Os quadrinhos possibilitam análises conjugadas de maneira verbal-visual, mostrando que é um campo semiótico com presença de contínua de gêneros textuais/discursivo, considerando que este recurso didático exige dos leitores e autores habilidade e interpretação e produção de texto específico. Dessa maneira, o papel do professor como mediador da interpretação desse discurso exposto nas HQs, passam extrair questões sociais que percorrem nas palavras e nas imagens.

## **CAPITULO II – História em Quadrinhos e a Representatividade Negra**

### **2.1 Percurso da História em Quadrinhos**

Estabelecer a definição modal de texto é fulcral para contextualizar tal uso, neste capítulo, as representações verbais e não verbais se enquadram na conjuntura histórica com a evolução dos enredos das histórias em quadrinhos, assim sendo, adentraremos nos objetos de estudo e análise da HQ Jeremias.

Para compreender tal processo de comunicação, sob a perspectiva da evolução humana, analisamos imagens que tem o papel de expressão social e cultural, representadas de diversas maneiras no cotidiano, realidade e o imaginário dos homens existentes desde a pré-história, por meio de pinturas rupestres registrada em paredes, tetos de superfícies de caverna e abrigos rochosos ao ar livre.

Propõem à ideia de que quando o homem da caverna gravava suas imagens sozinho ou incluindo um animal abatido, tinha objetivo de retratar a realidade e o enaltecimento de uma caçada vitoriosa, bem como, o registro da primeira história contada por intermédio de diversos símbolos. Bastaria enquadrá-las para obter algo muito semelhante ao que modernamente se conhece como histórias em quadrinhos. (VERGUEIRO e RAMA 2006. p. 8-9)

A imagem abaixo demonstra que os registros são vistos no mundo contemporâneo, presentes em todas partes do planeta, assim possibilitando ver as ações de nossos antepassados, esta pintura foi encontrado na cidade de Alcinópolis no estado de Mato Grosso do Sul.

**Figura 6-** Arte Rupestre- Sitio Arqueológico Rio Aquidauana três



Fonte: (Muarq – Museu de Arqueológica da UFMS, visita 15/09/2018)

Com a evolução da sociedade, as expressões foram se aperfeiçoando, as organizações anosas desempenharam o papel importantíssimo na expansão não só da escrita, bem como, cultural, demonstrando em suas artes históricas, as representações das batalhas expostas nas esculturas. Nesse sentido, Santaella & Nöth, identifica que a imagem criada é “a cópia de uma aparência imaginarizada, funcionando como meio de ligação da natureza à imaginação de um sujeito” (SANTAELLA & NÖTH, 2005, p. 171)

**Figura 7 -** Arte Mesopotâmia 500 a.C.



Fonte: Educa mais Brasil, 2020.

No decorrer da história e do desenvolvimento da humanidade, as expressões do cotidiano se tornaram marcas da comunicação de determinadas civilizações. A saber, a sociedade egípcia se destaca por suas expressões culturais e sociais, mesmo que suas pinturas possuísem papel secundário, ou seja, servindo como auxiliar das arquiteturas grandiosas e solidificadas, tendo suas pinturas com registros do cotidiano da vida dos egípcios, bem como, seus murais de cores vivas e com a presença dos hieróglifos registrados pelos escribas. Segundo Ernst Gombrich (1986, p. 175), diz que toda representação depende, até certo ponto, daquilo que chamamos de “projeção dirigida”. Quando dizemos que os borrões de tinta e as pinceladas das paisagens impressionistas “adquirem vida subitamente”, queremos dizer que fomos levados a projetar uma paisagem naqueles salpicos de pigmento.

**Figura 8-** Hieróglifos Egípcio 600 a. C.



Fonte: Brasil escola,(2020)

A experiência da conjunção de escrita e imagem não são novos procedimentos de comunicação novo, onde esteve presente também na América desenvolvida pela civilização Asteca, na qual haviam conjuntos de desenhos e escritas feitas por escribas ou por outros habitantes, no “ Códice Mendoza”, os nativos narravam eventos importantes da sua história e descreviam a organização do império e cenas da vida cotidiana. Segunda Yuste-Frías (2013, p.83), a imagem depende da experiência do observador “Resulta ingênuo, pueril e muito contraproducente seguir acreditando que

qualquer imagem seja transferível, tal qual se apresenta de um país a outro, de uma cultura a outra, de um mercado a outro”.

**Figura 9 – Cultura Maia**



Fonte: COELHO (2007, p. 10).

Considerado que a estrutura de uma HQ possui personagens fixos, ações fragmentadas e diálogos dispostos em balões de texto, também consiste em acessar uma gama de pessoas como um instrumento de comunicação de massa, classificado como a primeira história em quadrinhos “The Yellow Kid”, exposta em Nova York pelo americano Richard Outcault, com intuito de atingir um montante de espectadores onde foi publicada em uma revista chamada Truth. Segundo Santaella e Nöth (2005, p. 70) “A sofisticação dos meios de impressão, especialmente no jornal, ampliando-se nas revistas e publicidade de rua, produziu uma sensível mudança no corpo da escrita”.

No entanto, as histórias narradas pelos americanos afirmam que *The Yellow Kid* tenha sido o protagonista dos quadrinhos é contestada por Cagnin, relatando que os quadrinhos se fizeram devagar e desde sempre, dependendo dos instrumentos disponíveis em cada época (CALAZANS, 1997, p. 25).

**Figura 10 - The Yellow Kid - 1832**



Fonte: Livraria Uol, (2010)

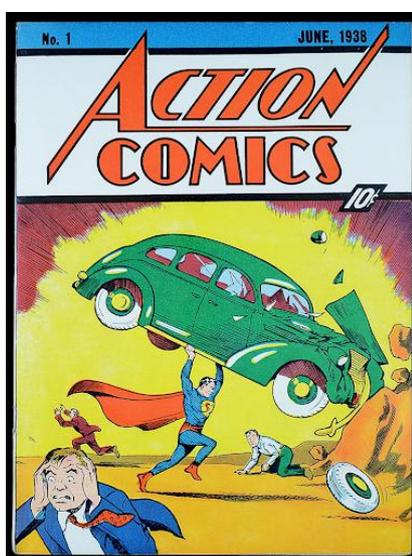
Sob o mesmo ponto de vista, apresentam autores e obras constituídas antes do menino amarelo, em linhas teóricas das histórias em quadrinhos e a forma de contar com texto e imagem.

- 1811- aparecem às estampas populares do imaginário napoleônico
- 1812- Rowlandson cria o Dr. Syntax, um herói fixo
- 1824- ImageriedÉpinal espalha por toda França e Europa
- 1827- Tópffer professor suíço conta as historinhas de Mr. Vieusbois
- 1830- Surge a revista La Caricature expondo charges contra o rei Luis Felipe, La Poire serie de imagens contadas pelos habilidosos Daumier, Philippon, Cham, Grand-Ville, Gavarani e Traviés.
- 1847- Doré com apenas 12 ano publica álbum Os Trabalhos de Hércules
- 1848- Nadar com linha de campanha eleitoral lança figura política Monsieur Réac (ionário)
- 1859- Lançada as primeiras historias de Willelm Busch
- 1865- Os moleques terríveis Max und Moritz, na qual deve ter motivado a criação do personagem Yellow Kid.
- 1869- A memorável “Aventuras de Nhô Quim” criada por Ângelo Agostini
- 1895- O Yellow Kid explode o personagem na imprensa americana, vindo a multiplicar a tiragem do New York World para atender ao público ofuscado pelo amarelo vivo. ( CALAZANS, 1997, p. 26).

De acordo com Mario Feijó (1997,) após a crise de 1929, houve um importante impulso nas HQs, que a partir dos anos 30 invadiram o gênero de

aventura, contudo, uma explicação lógica após tormenta da Primeira Guerra Mundial com países de grande potência envolvidos na guerra seguinte, com o intuito de estimular heróis durante o conflito, surge os arquétipos dos super-heróis, repleto de ícone, símbolos e índices. Com esses conceitos, em 1938 surge o primeiro super-herói chamado Superman, assim estabelecido pelo público e lojistas as Eras da história em quadrinhos, classificada em Era de Ouro, Era de Prata, Era de Bronze e Era Moderna.

**Figura 11 - Actions Comics - Superman 1938**



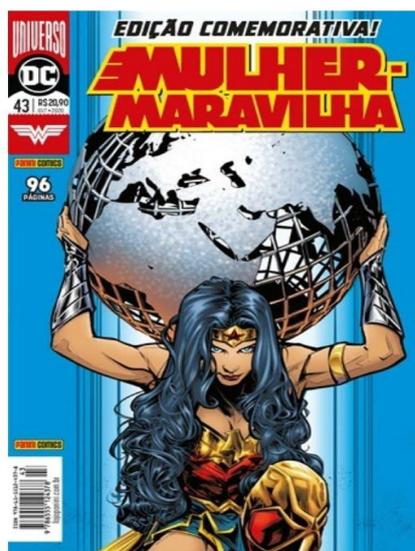
Fonte: Filho (2017, p. 19).

A Era de Ouro dos quadrinhos foi um período datada de 1938 até os meados dos anos 50, nesse período ocorreu a explosão das HQs para o público em geral, assim muitas pessoas passaram a se interessarem pelo assunto super-heróis, igualmente, com a criação dessas obras os quadrinhos foram ganhando popularidade, outros personagens que tratavam de temas fantasiosos, mas também, seguindo o clássico super-herói versus vilão. Só para ilustrar, há outros protagonistas criados nesse período, o primórdio Superman, Batman a heroína Mulher Maravilha, Capitão Marvel e o Capitão América.

Com o término da Segunda Guerra Mundial em 1945, o conceito do herói foi declinando, levando o público em sua maioria a substituir as HQs de

heróis pelas HQs de terror, crime e romance. Ademais, para agravar o cenário, foi criado em 1954 Comics Code Authority, órgão que regularizava e normatizava as publicações em história em quadrinhos, alinhando aos preceitos morais da sociedade politicamente correta da época, dando fim a Era de Ouro. Por conseguinte, editoras que não se adequavam, anunciavam falência. Segundo Calazans (1997, p. 95), “entre a década de 70 e 80, se deu novos tempos, com a aplicação de uma política mais radical se instalou uma reação neoconservadora e uma política econômica neoliberal preponderante.” Sendo assim, não é novidade estudar uma sociedade a partir dos meios de comunicação, que as histórias em quadrinhos refletem as discussões apresentada.

**Figura 12** - Mulher-Maravilha : Edição Comemorativa 45

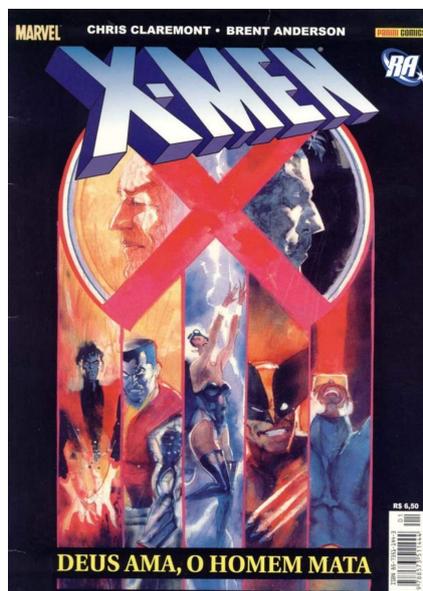


Fonte: Panini Comics, 2020

Da década de 60 inicia a Era de Prata, no qual se destacam os personagens Flash e Lanterna Verde, incentivando novas histórias em quadrinho, a fim de repaginar os existentes, com essas alterações a junção entre os heróis ficaram mais visíveis nas publicações. Por isso, a criação da Liga da Justiça, Quarteto Fantásticos, X- Men e Vingadores, vem como uma nova postura após a renovada Marvel Comics, com seu mais grandioso editor

Stan Lee, que se esforçou muito para passar suas criações pelo código de censura, porquanto, as vendas retomam ao seu cume.

**Figura 13 - X-MEN : Deus Ama, O Homem Mata**



Fonte: Chris Claremont & Anderson Brent, Editora Panini Comics, Capa (2003).

A Era de Bronze na década de 70 e 80, surgiram novos deuses com temáticas que permeavam a mitologia cósmica, no entanto, o que mais significou foi a morte de personagens emblemáticos e destemidos, dando outras possibilidades de interpretação aos leitores. Ademais, os heróis eram seres divinos e possuíam as fragilidades e incertezas de um humano, bem como, a violência exposta ao público e o temperamento que descrevia características peculiares de um personagem politicamente “justiceiro”, ou seja, semelhantes ao seu criador. Por exemplo, o surgimento de protagonistas com esse perfil foram Wolverine, Justiceiro e Conan, oferecendo aos leitores mais jovens histórias mais complexas e realistas.

**Figura 14 – X-MEN : DEUS AMA O HOMEM MATA**



Fonte: Chris Claremont & Anderson Brent, Editora Panini Comics (2003, p. 27).

Última Era, a Moderna, que corresponde aos tempos atuais iniciada em meados de 1985, nas quais as histórias em quadrinhos passavam por perspectivas de mais maturidade, sombria e em meio a cenários tensos, isto é, mais próximo do real. Sendo assim, as criações que se destacaram foram Watchmen e Batman: Piada Mortal.

**Figura 15 - Batman: a Piada mortal**



Fonte: Allan Moore & Brian Bolland, DC Comic, 1988, p. 6

Os elementos que compõem as HQs contribuíram para elaboração de outros textos e gêneros narrativos, tendo como exemplo, as fotos novelas, charges, tirinhas, cartoons, mangás, *graphic novel* e os gibis, cada um com suas características e finalidades. Para tanto, “essa linguagem própria dos

quadrinhos, explorando um sistema narrativo iconográfico, isto é, os sistemas de sinais figurativos que formam um código especificam da comunicação por imagens.”(CALAZANS, 1997, p. 22).

Nos Cartoons, de caráter humorístico animado ou não, com intuito de retratar o cotidiano da sociedade por meio de desenhos animados o mais comum exposto por filme de animação. De acordo com Ramos (2010, p. 23), “não estar vinculado a um fato do noticiário é a principal diferença entre a charge e o cartoon”; no mais, os dois são muito parecidos.

**Figura 16 – Cartoon As Meninas Superpoderosas**

### **AS MENINAS SUPERPODEROSAS**

Florzinha, Lindinha e Docinho são as Meninas Superpoderosas. Elas são três garotinhas com uma missão: salvar o mundo antes da hora de dormir. As garotas morem com o Professor Utônio em uma casa no subúrbio de Townsville aonde elas enfrentam caras malvados e musculosos, monstros e outros vilões grotescos.



Fonte: Cartoon Network - Meninas Superpoderosas (2020).

Na cultura oriental, impreterivelmente no Japão, as histórias em quadrinhos levam o nome de Mangá, de características peculiares que retratam desenhos de caricaturas de animais com comportamento de pessoas, já os personagens personificados possuem elementos descontraídos, de cabelos coloridos e exagerados, olhos redondos e grandes. Segundo Coelho (2007), os quadrinhos japoneses chamado de “mangá” se expandiram muito durante o século XX, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial.

**Figura 17 – Mangá Dragão Ball Z**



Fonte: Omelete – 30 anos de Dragão Ball Z (2019)

Já a tira, de características de enunciados curtos que tem por intuito de retrata comportamento, humor e sentimentos, passive de três linhas de aplicação à cômica seriadas e até quatro quadrinhos. Conceito fortalecido por Mendonça, “de caráter sintético e geralmente humorístico, normalmente publicadas em jornais diários” (MENDONÇA, 2002)

**Figura 18 – Tirinha Armandinho**



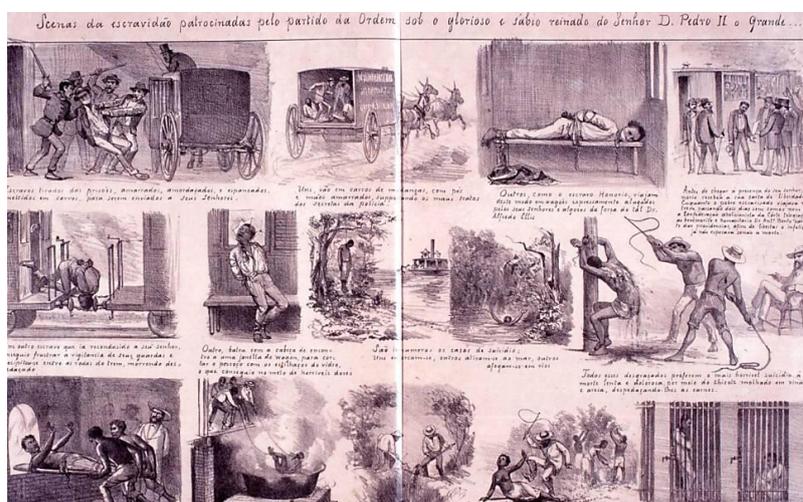
Fonte: Armandinho- tirinha original (2017)

Tratando-se de *Graphic Novel*, uma produção mais complexa de longa sequência narrativa, geralmente linha romantizada e completa, publicadas em livros de capa dura ou cartonada, com 100 páginas em média; são produtos “mais bem-acabados e voltados para o público adulto” (ROSA, 2014, p. 50)

No Brasil, as histórias em quadrinhos possuem um grande percurso histórico, cogita-se que a primeira narrativa em formato de HQ tenha surgido no país pelas mãos de Ângelo Agostini. Segundo a Sociedade Brasileira de

Estudos Interdisciplinar da Comunicação considera o dia 30 de janeiro de 1869, na revista *Vida Fluminense*, estado do Rio de Janeiro, o caricaturista Ângelo Agostini inicia a publicação por vários números da série a personagens fixo: Nhoquim ou impressões de uma Viagem à Corte. (CALAZANS, 1997, p.4). Entretanto, a receptividade não foi agradável na época, sob o olhar de uma sociedade conservadora, rejeitavam enxergar a realidade retratada nas publicações, pois os reflexos revelavam tais emaranhados que o país vivia, sob a obscuridade da escravidão e a crueldade de uma hegemonia global.

**Figura 19 - As aventuras de Nhô- Quim 1869**



Fonte: Livraria UOL (2015)

O denominado quadrinho “Gibi” ganha visibilidade no território brasileiro, tendo que foi a primeira revista infantil impressa a Tico Tico em 1905, entre os anos 50 e 60, sob os olhares dos dois principais criadores e visionários do país, Mauricio de Souza e Ziraldo, eles tinham como propósito produzir diversos personagens carismáticos e bem-humorados, perpassando o cenário e o cotidiano infantil para as narrativas. Sob o ponto de vista de Coelho, Ziraldo criou “A Turma do Pererê”, lançada em 1960 outro personagem a “ Supermãe”, por meio desse sucesso outros artistas foram surgindo. (Coelho, 2007, p. 39).

Nada foi tão clássico como os teleteatros radiofônico, o mais primitivo sentido era aguçados em que as pessoas acompanhavam as narrativas ficcionais pelo rádio, rompendo assim as barreiras do tempo e espaço, criando novas possibilidades como as fotonovelas, um recurso em formato de

quadrinhos, fazendo uso de fotografias sequências e em movimentos de atores representando seus personagens, “ a principal diferença entre os comics e a fotonovela é que os primeiros utilizam desenhos e a segunda fotografias” (JUNIOR, 2009 , p. 474).

**Figura 20 - Fotonovela Sétimo Céu**



Fonte: Jerry Adriani (Fotonovela , 1968, p. 41).

Nesse ínterim, um recurso análogo a HQ é a charge, com objetivo de retratar episódios políticos- social representados por caricaturas, muito utilizado em provas de língua portuguesa, disciplina que exige uma perspicácia maior para compreensão. Segundo Mendonça, as Charges são histórias de estruturas mais curtas de até quatro quadrinhos, de caráter sintético e geralmente humorístico, normalmente publicadas em jornais diários (MENDONÇA, 2002, p. 197).

**Figura 21 – Charge Xaxado**



Fonte: Audaci Junior, (2014)

Por todos esses aspectos, inferimos que o mundo passou e vem passando por mudanças consideráveis, mesmo que por intermédios de fatos negativos os gêneros textuais têm o papel de retratar tais fatos de modo pontual e expressivo, mesmo que cause desconforto a uma parte da sociedade coercitiva. De maneira simultânea, o gênero e o tipo de texto têm essa objetividade, de transpor a linguagem e tornar o material mais acessível, contemplando a criatividade e um universo inimaginável. Destarte, a democratização liberta o leitor, pois, essa arte nasceu nas ruas, do retrato da vida cotidiana, criado por pessoas que desejavam expressar de forma rápida e direta, usando imagens concretas e condizentes com o momento. Enfim, toda essa gama de conhecimento, nos leva a amadurecer sobre o que de fato vale a pena na vida do ser humano e o que estamos defendendo para ser herói de uma sociedade contemporânea cheia de dilemas, que, por conseguinte, movem para a anti-paixão e a dor.

## **2.2 Representatividade negra nas HQs**

Ao reconhecer o universo das histórias em quadrinhos como gênero narrativo dos acontecimentos históricos, bem como, exposição da cultura e memória de um grupo social, seja pelo discurso ou imagens que o representa. Desse modo, a retratação de personagens negros diante das HQs foi repleta de adequações, para que o reconhecimento da identidade da população afrodescendente fosse fidedigna e que apresentassem as lutas do decorrer da história.

A realidade não é diferente dos quadrinhos, personagens negros na maioria das narrativas ficcionais foram pouco representados e ainda tiveram papéis coadjuvante ou estereotipado<sup>8</sup>. Segundo Silva (2010), ao plano conectivo o conceito de estereótipos foi construído a partir de um aglomerado de crenças, relacionada a características e definições, seguindo duas linhas o auto-estereótipo aos grupos diferentes e o hetero-estereótipo, com fundo ideia qualitativo de positivo e negativo.

O primeiro personagem negro foi Bilbolbul, criado na Europa pelo artista Atílio Mussino, na qual a caracterização era de cunho racista e distorcido, destinado para o humor satirizando os aspectos físicos dos povos africanos,

como a cor da pele, cabelo, formato do nariz e boca. Para Inocêncio, “se alguém possui aparência próxima das características comuns dos africanos, vários são os prejuízos [...] O corpo negro provoca risos, porque sua leitura está vinculada a comparações que o animalizam”. (INOCÊNCIO, 2006, p. 186).

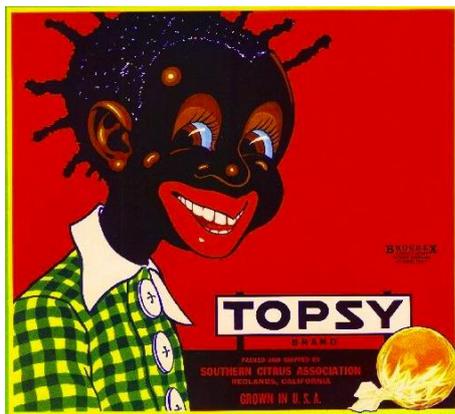
Figura 22 – Bilbolbul



Fonte: LoSpazio Banco- Bilbolbul (2019).

Apresentado nos anos 30 nos EUA manipulava o “pickaninny” ou pequeninos, pois, apresentava a figura de crianças negras com aspectos grosseiros e meramente racistas, expondo personagens com lábios exagerados e vermelhos e olhos grandes, já os personagens meninos eram carecas e as meninas com tranças, além do linguajar peculiar na linha do incorreto chamado de “*broken english*”, Inocêncio (2006, p.188) “a convivência dolorosa com o corpo, e particularmente com o cabelo, que nunca está em paz, obrigou as pessoas negras a desenvolver mecanismos de defesa elaborados para diminuir o sofrimento”, assim usando artifícios para disfarçar o cabelo, seja por traças ou lenços estilo doméstica, dando a conotação de domar o pixaim.

**Figura 23 - “pickaninny”**



Fonte: Open MicRoc, (2020)

Nos palcos de teatros americanos no século XIX a figurativização equivocada do negro não foi diferente, em meio aos “*Minstrel show*”, a atuação humorística apresentada por atores negros com papéis eram estereotipados e tolos, o show obteve tanto sucesso que atores brancos passaram a se caracterizar como personagens negros, aderindo aspectos escrachados dos afrodescendentes.

Inocência esclarece:

O processo ficou chamado de *Blackface*, em que não se restringiu apenas a pintura da pele, se expandiu para outras ações como o enchimento das narinas com algodão para demonstrar que os afrodescendentes possuem no rosto não necessariamente o que poderia chamar de nariz, não sendo raras as imagens que associam o nariz negro às ventas de animais (INOCÊNCIA, 2006, p. 188)

Para Inocência (2006), é possível que os brancos pintem seus rostos de preto para provocar risos, mesmo que a famosa *Blackface* tornou-se politicamente incorreto em muitos países. De modo geral, após muitas lutas ao reconhecimento identitário dos povos africanos, nos anos 50 o formato de *blackface* passou a ser ofensivo, a supervisão para que os atos não fossem praticados ficou chamado de “*Censo redeleven*”, assim contribuindo para a resistência negra e ao enfrentamento de preconceitos raciais.

**Figura 24 - Blackface**

Fonte: BBC.com, 2020.

Segundo Inocêncio (2006) costuma-se dizer que negros possuem beijos, dado o volume da parte externa de suas bocas, questiona-se na verdade é o seu formato que se distingue dos lábios que possui a maioria dos brancos. No contexto das HQs homens, crianças e mulheres negras também eram inferiorizadas, representadas como subalternas e inferiores, seguindo o modelo desqualificado e estereotipado de que a negra nasceu para servir, procriar, assim como os trabalhos forçados. Em consonância com Negrão, a personagem negra existia, invariavelmente, na condição de empregada doméstica, diversas vezes retratado com um laço na cabeça e um avental cobrindo o corpo gordo de cozinheira ou babá (NEGRÃO, 1988)

**Figura 25 - Tom & Jerry conteúdo racista**

Fonte: Correio 24H (2020).

No âmbito das narrativas ficcional do universo dos super-heróis a representação foi pífia, como os demais personagens receberam papel coadjuvante permeado de caricaturas, em ações desviadas para o caráter criminoso em cenários que o desprestigiava. Desse modo, a figura do negro ou sua cultura era associada a algo sombrio e ruim. Oliveira (2000), o diabo ou demônio personifica o mal e suas qualificações foi projetada nas populações que possuem a cor negra passando a ser um estigma, concepção fundamental para compreender os atributos diabólicos lançados aos personagens negros, em geral, a população, cultura e religião africana. Nessa perspectiva, eram sujeitos a papeis de vilões ou menos desprezíveis como auxiliar da força do mal, em sua maioria os anti-heróis eram protagonizados por brancos, “como foi o caso do quadrinho do Batman de 1939, no qual o personagem do mal tinha auxiliar chamado Jabah, um mulato gigante com turbante na cabeça, que fazia as atividades ilícitas, principalmente para impedir que o Batman interferisse nos planos maléficis” (REBLIN, 2008, p. 110).

**Figura 26 - Jabah**

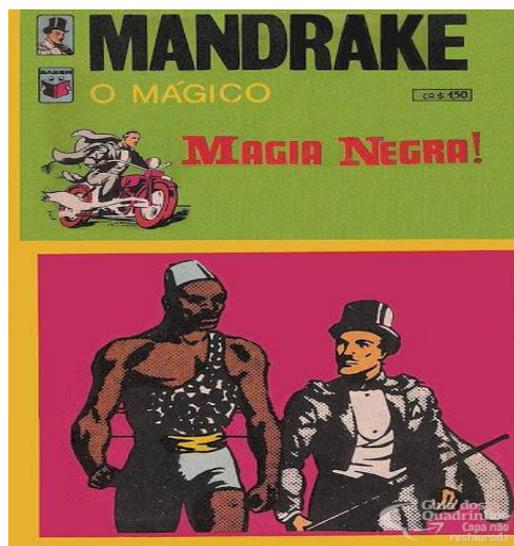


Fonte: ECA USP- Detective Comics, Editora Abril Jovem (1995).

A presença do racismo e preconceito aos negros nos quadrinhos eram em formato de chacota e estereótipos, assim como o amigo incondicional Mandrake o mágico, personagem que representava um africano caricaturado,

negro alto que vestia peles de animais selvagens africanos, uma figurativização que marcou os anos 60. De acordo com Sousa (2006), “os personagens negros aparecem no final da década de 1920 e início da década de 1930, as narrativas, dessa época, mostravam as condições subalternas dos personagens negros.”

**Figura 27 - Mandrake**



Fonte: Guia dos quadrinhos - Mandrake, O Mágico nº 1/Saber | Guia dos Quadrinhos (2008).

As HQs começam a propiciar e abrir espaço para personagens negros, ganharam destaque nas narrativas ficcionais de aventura, o novo cenário não foi da noite para o dia, se deu pela luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos, rompendo as linhas do racismo abordando como protagonista de sua vida e história, “com o surgimento de movimentos de negros como Black Power e os Panteras Negras, no meio da década de 1960, os afro americanos aumentaram seu clamor por igualdade racial” (WESCHENFELDER, 2013, p. 03). No entanto, os personagens não seguiam a mesma ordem dos demais super-heróis, sempre pertencentes a um grupo de heróis com superpoderes, eram liderados ou recebiam comandos de personagens brancos, entre os personagens que surgiram no universo Marvel e DC Comics nesse conceito foram Blade, Monica Rambeau primeira Capitã Marvel, Pantera Negra, Ororo Munroe Tempestade X-Men, Cage, Manto, Trovão Negro, Fênix, Lanterna Verde, Falcão, Cyborg, Spawn (anti-herói).

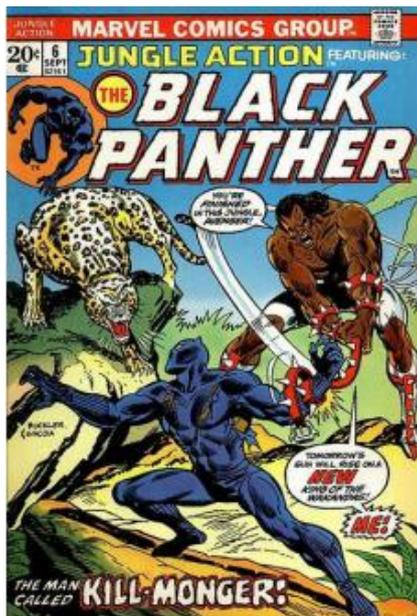
**Figura 28 – Super Heróis Negros**



Fonte: Nupeq- Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos / UEMS: Produção textual por intermédio dos quadrinhos (2020)

Para Matt Morris e Tom Morris (2005, p 9), as histórias em quadrinhos de super-heróis são “um dos mais notáveis desenvolvimentos na cultura pop da atualidade e o forte ressurgimento dos super-heróis como ícone cultural e de entretenimento”. Desse modo, identificar o primeiro personagem negro que nasce em 1966 na Marvel Comics, leva um nome bem sugestivo “ Pantera Negra” grupo que lutavam pelos direitos civis nos EUA, personagem criado por Stan Lee e Jack Kirby, lançado na revista Fantastic Four 52, as narrativas abordadas vão além das aventuras do herói contra um vilão, reflete sobre assuntos como escravidão, colonialismo, mitos, cultura africana, ancestralidade, reinos africanos e tecnologia. Em 2018 o estúdio Marvel protagonizou um dos filmes mais representativo e significativo para a população negra, vindo receber dos críticos de cinema o maior dos reconhecimentos como o Oscar por melhor figurino, direção de arte e trilha sonora, o longa-metragem ultrapassou a ficção para a realidade, empoderando e resgatando a identidade africana, em que a expressões tida do filme “Wakanda forever “, passou a ter uma relação com a cultura e valorização da identidade.

**Figura 29** – Jungle Action: The Black Panther



Fonte: Junior (2015, p.212)

**Figura 30** – Filme Pantera Negra



Fonte: Marvel (2018)

No contexto brasileiro, a produção de personagens negros recorreu também aos artifícios estereótipos, racista e sexista, na qual, a cultura negra era vista como folclore ou um instrumento de diversão para os brancos, apresentado nos cenários de escravidão, servidão em condições subalternas, considerado o primeiro personagem negro Benedito elaborado pelo artista Ângelo Agostini. Segundo Chinen, na maioria das vezes, Agostini, faz um retrato desenhado do personagem, em muitos casos bastante fiel, e sem exagerar ou sequer alterar os traços fisionômicos (Chinen, 2013, p. 98).

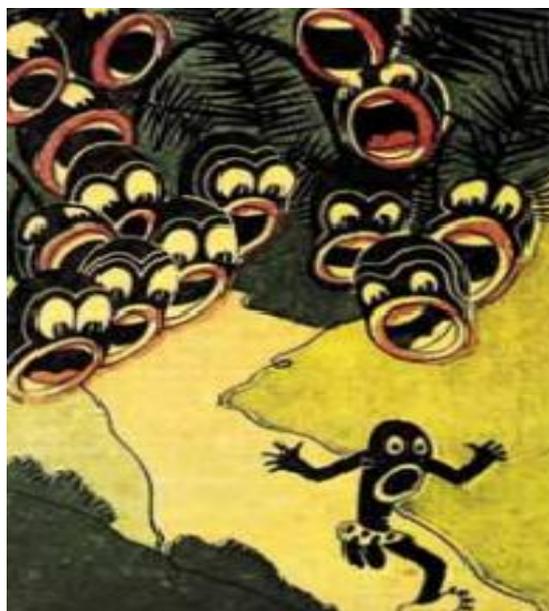
**Figura 31** - Traços exagerados em Agostini



Fonte: Chinen (2013, p. 98).

Em 1907 a figura caricaturada ficou mais evidente na revista Tico-tico, no qual, apresentou diversos personagens negros seguindo a mesma formulação e caracterização em que a sociedade via os negros na época, relacionando os personagens como Benjamim, Azeitona e Lamparina. “Lamparina personagem negro foi classificado nessa categoria com aspecto de um animal, com braços arrastados ao longo do corpo nas proporções de um chipanzé, com roupas rústicas de pele de onça ou outro felino selvagem.” (CHINEN, 2013, p. 124)

**Figura 32** - O negro com aspecto selvagem



Fonte: Chinen (2013, p. 125).

Publicada em 1950 pela revista Cirandinha, personagem Maria Fumaça empregada doméstica negra, com características análogas aos demais personagens, com olhos e lábios grandes a cor preta para dar mais destaque, seguindo o conceito que empregados são burros e ignorantes. “Em questão de mercado Howe define que, dá para fazer negros comprarem gibis sobre brancos, mas era difícil fazer brancos comprarem gibis nos quais o personagem principal era negro” (HOWE, 2013, p.142)

**Figura 33** - Maria Fumaça criação de Luiz de Sá



Fonte: Chinen (2013, p.127).

A figura Giby, como os demais protagonistas era subalterno que aparecia somente na capa, mais peculiar que o personagem e seu significado em que Gibi quer dizer “menino negro”, em 1939 criados por Roberto Marinho, do Jornal o Globo, lançou a revista Gibi, logo o nome fica popularizado dando nome às séries de revistas de história em quadrinhos no Brasil. De acordo com Chinen, foi somente com o lançamento do Gibi Mensal, versão que continha histórias completas ao invés de séries em continuidade, que a revista que já fazia sucesso, se tornou um fenômeno de público. ( Chinen, 2013, p. 43 – 53)

**Figura 34** - Mascote do Gibi em versão dos anos 70



Fonte: Chinen (2013, p. 104).

No que tange o folclore brasileiro, a presença do personagem negro pelo artista Ziraldo, no qual escreveu histórias em quadrinhos como a Turma do Pererê, lançado na década de 1960, sendo a primeira revista brasileira em

quadrinhos feita por um único autor. É considerado por Chinen “um paradoxo, o personagem brasileiro negro de maior sucesso (um dos poucos a ter revista própria, cerca de 30 revistas publicadas até hoje)” (CHINEN, 2013, p.104).

**Figura 35** - Pererê e algum de seus amigos



Fonte: Chinen (2013, p.105).

Notar o quanto os negros e sua figura foram inferiorizados no cotidiano assim expressado pelos quadrinhos, ganhar um patamar de destaque sempre foi entrelaçado por muitos estereótipos e preconceitos, isso remete a importância da representatividade e a maneira correta de refletir sobre o racismo, e poder desconstruir certos significados dos povos africanos. Reconhecer a diferença entre representação e representatividade no contexto dos quadrinhos é primordial, sendo que a representação e o personagem são apresentadas e imbuídas de discurso positivo ou negativo, visto que, a representatividade é o formato quantitativo, muitos personagens negros são evidenciados em uma esfera que o país comporta, mesmo sendo maioria população negra e afrodescendente.

### 2.2.1 Dimensão sociocultural

Primordialmente, para entender o processo de segregação racial é necessário entender a ideia que fundamenta tal comportamento, a teoria da evolução das espécies infere à semelhança do humano com os macacos, defendendo a tese que certas transformações que ocorreram lentamente em determinados grupos, sendo assim, revigora o conceito da origem em que o homem se deu no continente africano, sido o berço da humanidade e do desenvolvimento da civilização, no entanto a evolução não se estendeu aos preceitos tecnológicos e civilizatório como na Europa, classificando assim os povos africanos como “selvagens” ou “primitivos”. Sob o mesmo ponto de vista, para Nascimento, as aparências distintas foram associadas a supostas diferenças biológicas, constituindo o conceito geográfico de “raça” [...] a ideia de superioridade da raça branca, supostamente comprovadas pela ciência, passou a justificar procedimentos de dominação de outros povos, como a escravidão, a conquista, o colonialismo e o imperialismo (NASCIMENTO, 2006, p. 34)

Identificar o preconceito racial em diversos formatos, era a intenção, mas vale ressaltar que, o preconceito é expresso um sentido histórico de inferioridade de uma relação de dominação e subalternidade entre brancos aos negros principalmente. Desse modo, expor a complexidade das relações raciais imbuídas na sociedade historicamente em que o aspecto físico do negro, expressa os significados discriminatórios atribuídos, marcado por um sentido inferiorizado, assim, ilustra que o preconceito opera em três aspectos conceituais o da moral, intelectual e estética. De acordo com Nascimento, o preconceito é um evento privado, ligado à dimensão psicológica da pessoa. Quando se assume isso, se fala de algo enorme: a subjetividade, aquilo que está na interioridade humana. “É aí que ele, o preconceito, reside: no âmbito da subjetividade. Ele é aprendido junto com outras pessoas, no convívio social; se acumula em todos os contatos sociais desde a primeira infância” (NASCIMENTO, 2006, p. 25).

Para a manutenção da supremacia branca nos EUA foi criada uma irmandade chamada Ku Klux Klan, inconformados com o fim da escravidão norte americana, o grupo se organizou para perseguir negros libertos

localizados em sua maioria no sul do país, que alimentava o ódio sobre os negros e oposição da igualdade racial. Pois ali fica nítido distanciamento, nos anos 60, o apartamento social era claro, na qual, havia presença de bebedouros destinados para cada grupo racial, bem como os transportes públicos especificamente para os negros, pois eram obrigados a sentarem nos fundos caso faltasse lugar para os brancos, o pior que as medidas eram institucionalizadas preconizadas em lei estadual, contrariando a Constituição que garantia desde 1787 que os direitos eram iguais a todos.

Segundo Nascimento (2006, p. 37), as ações de apartação tinham como base nas teorias racistas que destituíam os africanos de suas condições humanas, tornava os animais de carga ou ferramentas para gerar lucro, estampando-os como a marca de uma inferioridade inata em que o cativo seria sua “salvação”.

Diversas lutas pelos direitos civis foram traçadas nos períodos dos anos 50 a 80, pregando a igualdade perante a lei independente de raça, cor ou religião, bem como visando reformas nas legislações locais com intuito de banir a discriminação racial e segregação racial no país, em meio a esses movimento destaca-se uma figura singular que mobiliza multidões para seus manifestos, chamado Martin Luther King Jr, pastor da igreja batista, com ideais pacíficos em uma batalha não tão simples e perpétua. Com a proporção em que os manifestos foram crescendo, também foi aumentando o número de grupos na luta pelos direitos civis, em destaque os Black Power, com roupas chamativas coloridas e cabelos estilo afro, passou ser um fator de identidade afro americano, os Panteras Negras grupo de posicionamento mais firme, de que a luta contra a irmandade e sua violência contra os negros deveria ser contraposta da mesma maneira, usar de todos os artifícios para obter a igualdade racial.

Atuação significativa dos grupos foi exposta por Rajguru & Wood (2008):

Tal foi seu sucesso que eles rapidamente cresceram para 5 mil militantes liberados em tempo integral, organizados em 45 seções (filiais) por toda América. No seu auge, vendiam 250 mil jornais toda semana. Pesquisas de opinião na época mostravam que os Panteras tinham 90% de apoio entre os negros nas grandes cidades. Seu impacto sobre a América Negra pode ser medido pela resposta do estado. J. Edgar Hoover, então chefe do FBI, os descreveu como “a ameaça

número um à segurança interna dos Estados Unidos”. (RAJGURU & WOOD, 2008, p.37).

Com a morte de Luther King, os direitos foram vigorados em formato legal, no entanto a luta continuou fortalecendo o conceito de que ser negro e lutar por suas causas possuam razões próprias, o envolvimento do não negro no assunto e o maior desafio de combater pelo sujeito oprimido, expressar a opinião do fato esta relacionado à questão de empatia pelo outro, infelizmente a necessidade da existência de leis que protejam as minorias, pois gerações de homens e mulheres em que a história excluiu, demonstrou as diferenças raciais permeadas na sociedade norte americana.

No cenário atual, a perseguição aos negros não cessou, esta presente nas abordagens violentas protagonizadas por policiais brancos nos EUA, um caso que ganhou repercussão mundial, vítima George Floyd que foi asfixiada e morta por um policial branco, mesmo diante do suspeito estava algemado, todo o ato foi gravado e exposto nas redes sociais, causando uma comoção mundial, assim gerando diversas manifestações contra o racismo, este movimento veio a ganhar o nome de “*Black Lives Matter*” (vidas negras importam), ação que objetivo de derrubar toda e qualquer forma de intolerância e racismo, várias celebridades aderiram ao movimento, divulgando em suas redes sociais com objetivo de conseguir mais simpatizante na busca da igualdade racial.

No que perpassa a construção da identidade brasileira, considera a contribuição de várias etnias e cultura, uma delas são as comunidades africanas que foram conduzidos na condição de escravos pelos portugueses entre o século 16 e 19, vendidos como gado para trabalhar nos canaviais, sendo eles advindos de diversas tribos, grupos e países do continente africano, dentre eles que hoje engloba (Costa do Benin) Nigéria, Angola e Moçambique.

Sabe-se que aproximadamente cinco milhões de africanos foram trazidos para as terras brasileiras na condição de escravos, sem contar os que foram ceifados em solo africano em sua captura e os que morreram ao longo da viagem nos navios negreiros, em situações insalubres de água, alimento além do excesso de negros colocados em pequenos espaços. Segundo Souza, os anos de escravidão refletiram e continuam a refletir de forma veemente na realidade sócio-econômica-cultural da sociedade brasileira. Os mais de trezentos anos de práticas exploratórias colonialistas imbuíram na memória

social brasileira traços e costumes próprios de nossa identidade (SOUZA, 2008).

Com pretensão de desenvolver a produção de cana-de-açúcar, algodão e mandioca, além das demais especiarias cobiçadas pelos europeus, com a mão-de-obra escrava já conhecedora das técnicas de agricultura, porte físico adequado para lida exigente de força, dessa maneira, os colonizadores do Brasil puderam com destreza explorar o que a terra e as pessoas podiam lhe servir.

A população africana foi adentrando no Brasil nas diversas capitanias e províncias exposta na figura, observando que a economia brasileira estava se desenvolvendo a base da mão de obra escrava, sendo que no início o trabalho braçal era realizado pelos indígenas, no entanto aspectos culturais permitiram que fossem catequizados, podendo considerar que o serviço passou a ser realizados pelos escravos africanos, na qual já possuíam a cultura da produção rural. Conforme Ribeiro (2006) “manter o escravismo, só era possível, perante vigilância rigorosa e punições violentas, diante dos protestos e resistência por parte dos escravos.” Entende que todo este castigo era justificado para a instalação da ordem ao contrario a rebelião seria certa.

**Figura 36 - Linhas de trafico de escravos África- Brasil**



Fonte: Campos; Dolhenikoff (1998).

Em busca de sobrevivência, os escravos que conseguiam escapar da dura truculência dos colonizadores se instalavam em locais distantes de difícil acesso, assim originando os movimentos de manifestações simbólicas chamando os locais de “Quilombo”. Neste sentido, a palavra quilombo tem significado de lugar de abrigo, refúgio dos escravos, ou seja, a ideia era “Refugiar em lugar de difícil acesso e manter-se em posição defensiva, lutando para sobreviver” (FURTADO, SUCUPIRA & ALVES, 2014, p. 109).

A representatividade dos quilombos era de lutas e resistências, contra as explorações vivenciadas, pelos africanos e seus descendentes, ao longo da história do Brasil, com a constituição do estado regulamenta as terras ocupadas pelos grupos afrodescendentes, sendo ocupações livres e isoladas, recebidas como herança ou doações, atualmente denominadas “Comunidades Remanescentes Quilombolas”.

Com intuito de proteger a história e sua identidade a legislação nacional preconiza:

Art. 216 Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: § 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação (BRASIL, CF, 1988, p. 1).

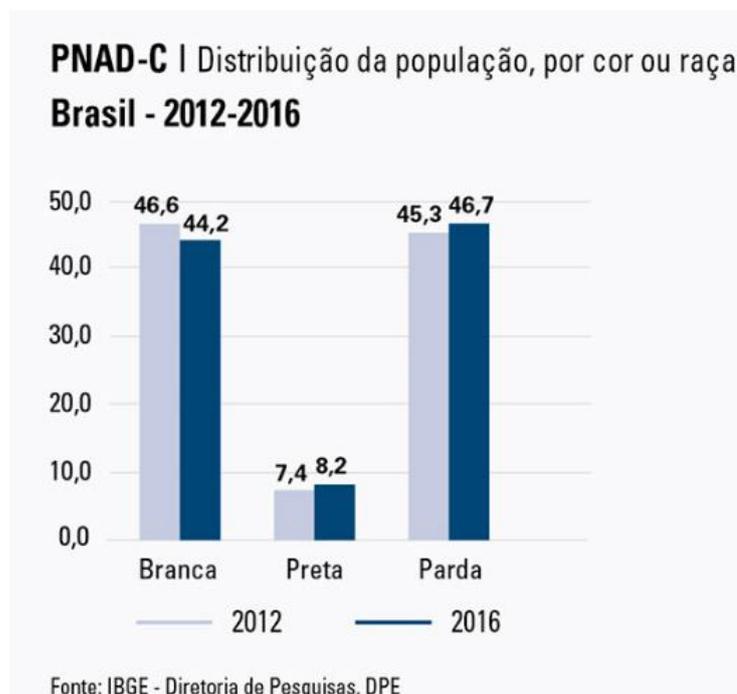
Sob análise da saga, a população afrodescendente passou para constituir seu território de sobrevivência retratada na figura, muitos percalços de violência e conflito ocorreram, registrando a compreensão da identidade com relutância ao preconceito existente no Brasil colonial decorrendo até os dias atuais, encarados como processo histórico de formação identitária dos negros escravizados no território brasileiro e no mundo, de modo que seu reconhecimento de valores humanos não é levado em consideração. Sendo classificado em suas características biológicas o indivíduo com pele negra e associado aos escravos, enfrentando diversas situações de racismo e preconceito relacionados à inferioridade de construção racial e social deste grupo, expondo a exclusão das origens culturais, religiosa, bem como as diversas línguas faladas pelos povos trazidos para o Brasil.



Para combater o racismo foi necessária a construção de artifícios legais previstas na Carta Magna de 1989 em diversos momentos aponto a defesa de igualdade entre todos:

- Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.
- Art. 4º A República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios: VIII - repúdio ao terrorismo e ao racismo;
- Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei (BRASIL, CF, 1988, p. 1).

Em contraste com a realidade, a lei aparenta ser meramente algo escrito, pois a vida do negro no Brasil não tem sido nada fácil, mesmo sendo maioria da população, segundo IBGE de 2016 o país chegou a uma população de 205,5 milhões de habitantes, o número dos que se declararam branco foi de 90,9 milhões, já os que se autodeclararam pardos e pretos com um aumento cerca de 95,9 milhões e 16,8 milhões (IBGE, 2016). Isso mostra o reconhecimento da identidade racial e cultural relacionada à miscigenação da nação brasileira. No entanto, se reconhecer como afrodescendente aponto para as questões em que a população negra esteve inserida, no pior tipo de racismo, é quando uma minoria não é incluída nas políticas institucionais por um vasto tempo histórico, que o impede de ter acesso a serviços e políticas públicas como educação, emprego, programas sociais.

**Gráfico 1 – PNAD-C | Distribuição da População, por cor e raça.**

Fonte: IBGE, 2016.

Para Santos (2006, p. 157), a liberdade advinda com a abolição, além de excluir, possibilitava a agora República tornar seu sonho eurocêntrico realidade, empurrando para as periferias dos grandes centros a massa negra desempregada. Fatores esses, que contribuíram para a marginalização do negro no país, configurando que lugar de negro na sociedade e na favela, escola de samba ou futebol. Embora que timidamente a presença do negro em peças publicitárias, espaço acadêmico mercado de trabalho e em serviços públicos passa em um crescente significativo. Em suma, ser diferente não é a problemática, a questão é quando essa diferença se torna fator preponderante na construção da desigualdade social, sabido que o preconceito racial acaba quando se conquista a igualdade social e econômica. Dessarte, democratizar o que tange os direitos é dever de uma sociedade instituída de valores éticos e morais, mesmo que a história nos diga o contrário, o passado deve ser exemplo para um futuro de glória, para alcançar o respeito e empatia, premissa que ser humano deve praticar.

## 2.2.2 Educação Étnico-racial no Brasil

Mesmo com a promulgação da lei que concedeu a liberdade total aos escravos no Brasil Áurea de 13 de maio de 1888, a constituição da história dos negros nesse país não foi facilitada, tardiamente foi preconizado à lei que estabeleceu a importância destes grupos na construção do país. Nesse sentido, a Lei nº 10.639/2003 incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" (BRASIL, 2003), cujo objetivo é a promoção de uma educação para Relações Étnico-raciais e Diversidade. Assim, os meios pedagógicos como o livro didático e outros recursos têm o desafio de reavivar a história e cultura do povo negro, trazendo ao alunado novas abordagens dando a mesma ênfase aos demais povos, desconstruindo a visão linear, positivista e eurocêntrica (BARROS, 2009)

Com a finalidade de reconhecer a luta dos antepassados, a educação possibilita o conhecimento e valorização dos afrodescendentes no Brasil, na qual a empatia é instrumento de consciência social, valorizando a história de todos os povos que contribuíram para formação de uma sociedade. Em consonância, Bloch "o passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa". (BLOCH, 2001, p.75)

É indubitável que, a escola é a ambiente mais adequada para abrir ao diálogo, pois a teoria e os estudos direcionados por meio das disciplinas devem propor debates capazes de criar aprendizado entre brancos, negros, índios e outras etnias, consolidando os preceitos de equidade, compreendidos dentro das políticas de promoção de igualdade e democratização no país. Para Santos "Não se trata da distinção e da eliminação do outro, mas na base mítica da sensibilidade desta cosmovisão, trata-se de conceber este Outro como diverso, como faceta múltipla de uma mesma origem" (SANTOS, 2005, p. 217). Nessa perspectiva, segundo a Carta Magna a Educação é direitos de todos, sabe-se que essa prerrogativa é violada, bem como, a liberdade de expressão e de tomada de decisão, pois é o conhecimento que proporciona tal emancipação.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da

sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, CF, p.1).

Complementa Siqueira e Souza (2003), considera o aluno ativo no processo de construção do conhecimento, é aí que apontam a história como formadora de cidadãos capazes de fazer os alunos compreenderem o presente por meio do passado e sentir-se um sujeito capaz de mudar a realidade. A reflexão em torno de pertencimento étnico racial enseja contribuir para formação de cidadãos que estuda a beleza da multiculturalidade dos povos, terem conhecimento dessa ancestralidade marca a vida de todos, exigindo a presença desses povos nas instituições de poder e de saber.

Ao tomar o currículo escolar como conjunto de práticas educativo retoma-se as diretrizes educacionais, tendo a igualdade como base em princípio estruturadora das ações pedagógicas. Nesse sentido, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira de 1996 preconiza:

Art. 3º XII - consideração com a diversidade étnico-racial, bem como no

Art. 26º § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil e § 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia. (BRASIL, 1996, p. 1).

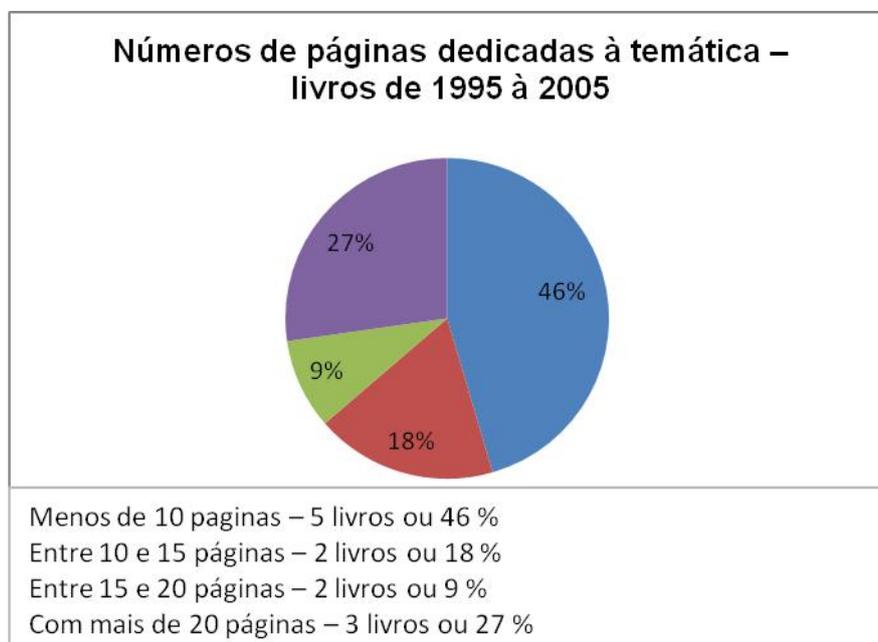
Em abordagem tímida e eurocêntrica, os eixos temáticos da PCNs – Parâmetro Nacional Curricular de 1998, incluso no terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental de 5º ao 8º séries, produzido no objetivo dos alunos reconhecerem e compreenderem a diversidade nacional apresentando um conhecimento pré-elaborado referente à formação da sociedade brasileira, na qual atende superficialmente o conteúdo destinado ao chamado “democracia racial”, relacionando os negros na origem do homem, escravização e relação com trabalho.

Como temas transversais os PCNs apresentam o conceito de “pluralismo cultural”:

A idéia veiculada na escola de um Brasil sem diferenças, formado originalmente pelas três raças - o índio, o branco e o negro - que se dissolveram dando origem ao brasileiro, também tem sido difundida nos livros didáticos, neutralizando as diferenças culturais e, às vezes, subordinando uma cultura à outra. Divulgou-se, então, uma concepção de cultura uniforme, depreciando as diversas contribuições que compuseram e compõem a identidade nacional. (Brasil, 1998, p. 126)

Uma das dificuldades em estabelecer os estudos em torno da temática são os recursos, material adequado que disponha de análises significativas da história africana e receba a devida atenção no contexto dos livros didáticos, nas abordagens e trabalho do professor e o amadurecimento dos alunos, dados exemplificados no gráfico.

**Gráfico 2 – Números de páginas de livros dedicadas ao tema “ História da África”**



Fonte: OLIVA, Anderson Ribeiro. Educação Africanidades Brasil- A História africana nas escolas: entre abordagens e perspectivas, MEC/ Brasília (2006. p. 92)

Para Oliva (2006), “uma análise comparada de 1995 a 2005, apresentação de que o conteúdo África aparecia apenas como um apêndice da história europeia ou do Brasil”. A inclusão de capítulos, temas que abordam Reinos e Impérios, Escravidão Tradicional, sociedade africanas como tribais, podem ser entendidas como um avanço. Essa situação revela o desinteresse das editoras em abordarem a temática nos livros didáticos, nesse sentido, a perspectiva em tratar do assunto nos conteúdos pedagógicos, assim como, o desafio em revisitar e reaprender a história da cultura brasileira.

Dessa forma, cria-se expectativa de que os alunos nos cursos de graduação em história licenciatura tenham conhecimento prévio referente à temática africana, no entanto, a dificuldade dos estudantes está vinculada a base anterior a lei, na qual não foi abordada de maneira correta, vinculando os escravos negros ao percurso histórico europeu, assim anulando sua identidade.

De acordo com Oliva (2006), o esquecimento na abordagem do tema África no ambiente escolar, está vinculada a fatores como insegurança na montagem das aulas e a falta de orientação para os trabalhos publicados.

É de grande relevância que, a temática tomou novos rumos em 2005 passou de caráter essencial ao reconhecimento identitário e cultural na formação do país, como também no aspecto legal na obrigatoriedade das abordagens no cenário das academias, sendo inseridos nos cursos de formação, extensão e especialização em programas de pós-graduação. Em consonância com a ideia de Oliva, apresenta esta expansão como sinal de tempos promissores, em 2005 estruturou-se na UFBA o primeiro programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) com linha temática totalmente voltada para os estudos africanos ‘Programa multidisciplinar em estudos étnicos e africanos’, composto por qualificado e multidisciplinar corpo docente (OLIVA, 2006, p. 90).

Conforme Santos e Lima:

Podemos afirmar que os docentes há pelo menos 20 anos antes da lei 10.639/2003 já vinham trabalhando na perspectiva de questionar uma histórica etnocêntrica, com a abordagem de novas concepções acerca dos processos históricos, do papel de diferentes sujeitos na História e de valorização da pluralidade cultural, denunciando o mito da passividade do brasileiro e da harmonia e integração das três “raças”. ( SANTOS E LIMA, 2015, p.3-4)

Por meio da educação, se pode construir oportunidades de combater o racismo, discriminação e a intolerância, uma relação entre racialidade e cidadania.

Para aplicabilidade da legislação, incorre identificar em que âmbito tal lei se estende, pois, mesmo que o ensino básico esteja contextualizado à temática, aos formadores e os recursos didáticos devem estar alinhados aos parâmetros legais, mesmo tardios essas modificações foram realizadas graças à luta de grupos de direitos civis engajadas no pagamento de dívida histórica com a população negra escravizada no Brasil.

A relação entre currículo e escola, redefine sob novas prioridades em reconfigurar a história do país a partir do enfoque étnico-racial, assim o Ministério da Educação por meio da Base Nacional Comum Curricular de 2017, traz a proposta de unificação dos currículos escolares. Diante disso, inclusão na normatização habilidades voltada para o ensino da história étnica-racial:

- (EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados. [...]
- (EF08HI14) Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e da participação dos negro na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negra. [...]
- (EF09HI26) Discutir a analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito.

É notório que, o esforço das escolas para promoção do diálogo intercultural e da igualdade racial por meio do estado, no combate ao racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância, e possibilitando a reflexão dos diferentes temas que o aluno observa e configura sua identidade, o papel do professor e de fundamental importância não só na obrigatoriedade em abordar o assunto, mas também na promoção do falo entre toda comunidade escolar. Sob o mesmo ponto, “o estudo da história do continente africano possibilita a correção das referências equivocadas que carregamos sobre os africanos,

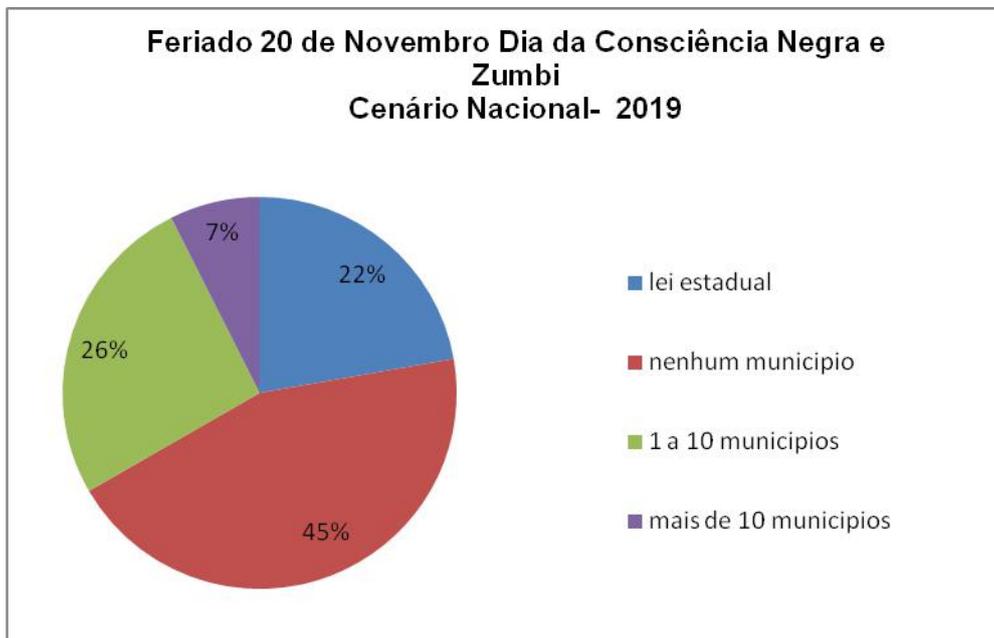
além, é claro, de tornar mais denso nossos conhecimentos sobre suas características e realidades.” (OLIVA, 2006, p. 88)

De maneira análoga, cabe as escolas públicas e privadas assumir o compromisso e ensinarem a verdadeira contribuição dos povos africanos na construção do país, pois é no ambiente escolar que o indivíduo socializa e forma seu caráter, com base na compreensão do mundo em que se vive, dentre os processos sociais e a função de cada um nesse processo. De acordo com Rocha, ao introduzir os conteúdos relativos à cultura afro-brasileira e a história da África, a Lei 10.638/03 desloca a perspectiva adotada até o momento, mas sobre a representação do Brasil e a sua formação, transformado em conteúdo didático.

Em virtude da lei 10.639, foi incluso no calendário escolar o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’, como instrumento de luta e resistência, reconhecido por alguns estados e municípios como feriado, infelizmente não reconhecido como feriado nacional é um evento de promoção das reflexões dos temas dentro do ambiente escolar, além do reconhecimento da identidade afro-brasileira na construção da identidade cultural do país. É nesse momento que os alunos participam de forma mais efetiva, elaborando e executando trabalhos científicos e artísticos sob o viés da igualdade, ampliam seus conhecimentos buscando identificar as diversas personalidades negras que contribuíram no crescimento social, cultural e econômico da nação.

Conforme Cavalleiro (2006), para o ensino sobre a diversidade racial, é imprescindível analisar o cotidiano principalmente dos adultos com as crianças, em relação às normas, regras, crenças e valores, no que tange sua prática, dessa maneira.

**Gráfico 3 – Feriado Dia da Consciência Negra por municípios**



Fonte : CUT ( Central Única dos Trabalhadores do Brasil – Confira se 20 de novembro é feriado em sua cidade (2016)

O gráfico descreve a contradição da relação racial existente no país, composta por uma população de aproximadamente 60% entre negros e pardos, não presente no cenário nacional o dia da consciência negra, refuta que o país ainda não possui tal consciência, não reconhecer a participação dos negros na miscigenação e na construção social é negar as próprias raízes.

De acordo com Oliva:

Deve-se enfatizar e valorizar a ancestralidade africana, bem como articular dados sobre a intensa participação africana na elaboração da sociedade brasileira com a ininterrupta tarefa de combate ao racismo e às práticas discriminatórias a que estão sujeitos diariamente milhares de africanos e afro-descendentes espalhados pelo mundo. (OLIVA, 2006, p. 88).

Por essa perspectiva, se faz necessário a presença de negros no cenário político, para aplicação de uma lei nacional destinado para o dia da consciência negra e o ato de legitimar a atuação dos negros como Zumbi, lutar pela valorização das existentes Comunidades Remanescentes Quilombolas.

## CAPITULO III – JEREMIAS – PELE EM EVIDÊNCIA

### 3.1 Turma da Mônica e Jeremias

Ao relatar o processo de construção da Turma da Mônica, faz se necessário contextualizar a vida do seu visionário criador, Mauricio Araújo de Sousa, com codinome Mauricio de Sousa, tornando-se uma marca para MSP- Mauricio de Sousa Produções, antes de adentrar nesse tópico, atenta-se a trajetória histórica profissional, com 85 anos no ano de 2020, sempre sonhou ser cartunista, crescido em berço de poetas e leitores, uma casa repleta de livros, iniciou sua carreira como ilustrador de cartazes para rádio e revista, na fixação de realizar seu objetivo de ser desenhista, vai para São Paulo, no entanto seu primeiro emprego foi de repórter policial no Jornal Folha da Manhã, contudo, usou da ocasião para demonstrar seu trabalho, vinda a ilustrar os fatos policiais.

Em 18 de Julho de 1959, seu primeiro trabalho foi criado, história do Bidu cãozinho do personagem franjinha, as tirinhas se seguiram dando continuidade das criações para novos personagens, sabido que em 1947 criou realmente seu primeiro personagem “Capitão Picolé”, que reaparece em 1998 como vilão, com a missão de destruir toda Turma da Mônica, organizando um grupo de maléficos chamado de “SMAQ- Sociedade Malvados Antagonistas dos Quadrinhos”, no entanto as atividades de destruição não foram concluídas.

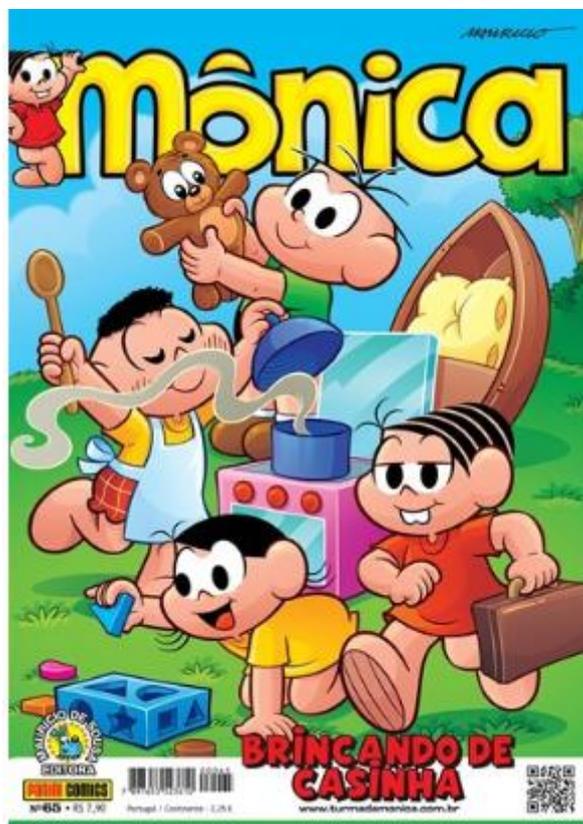
**Figura 38 – Capitão Picolé**



Fonte: Monica Fandom (2012)

Em 1973 Mauricio de Sousa, cria uma personagem inspirada em sua filha Mônica, dali em diante montou sua grandiosa empresa MSP – Mauricio de Sousa Produções, e suas histórias baseassem em torno do convívio dos entre 35 personagens no bairro do Limoeiro, tendo como protagonistas principais Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali, esse grupo de amigos se tornaram mundialmente famosos como “Turma da Mônica”, atualmente sua produção é destinado ao grupo de roteiristas e desenhistas da MSP, que remete ao imaginário das pessoas, atualmente em versões em desenho animados, jogos, passatempo, filme para o cinema e até um parque temático com espetáculo da turma, atualmente a revista é distribuída pela empresa italiana Panini Comics para o país e para o mundo, que também distribuidora exemplares da DC Comics e Marvel. De acordo com Coelho, “as histórias da turma da Mônica também já viajaram o mundo: foram traduzidas para nove idiomas e exportadas para dezessete países” (COELHO, 2007).

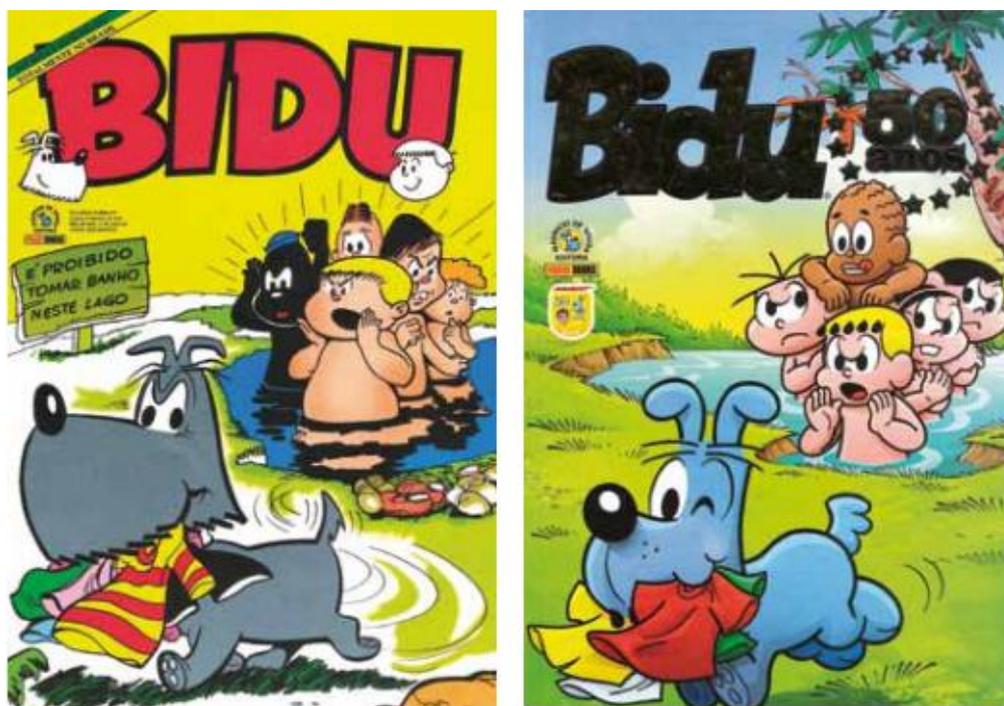
**Figura 39 – Turma da Mônica**



Fonte: Panini Comics (2020)

Nos quadrinhos brasileiros, o protagonismo e representatividade de personagens negros também são escassos entre eles, o primeiro até então e um dos mais antigos personagens negro criado por Mauricio de Sousa, Jeremias dentre os protagonistas Mônica, Magali, Cebolinha e Cascão tem idade avançada, estreou na primeira revista em 1960 com a turma do Franjinha, já aparecendo na capa de uma forma estereotipada, com pele colorida de preto, ele reaparece em 2009 na edição de 50 anos da revista com outra imagem aproximando aos aspectos da raça negra, na revista aparece com o amigo franjinha e a Turma da Mônica Cebolinha, Monica e Magali. Como “critério de frequência e papel em que os personagens aparecem nas histórias no contexto da Turma da Mônica, Jeremias pode ser considerado personagem menos que secundário, ele é terciário, entre os quatro Anjinho, Franjinha e Zé Luiz” (CHINEN, 2013, p. 148).

**Figura 40 – Bidu**



Fonte: Chinen (2013, p. 148)

A figura de Jeremias passou por muitas facetas no decorrer do tempo, foi caracterizada pelo Black face em que era retratado de maneira exagerada os aspectos da raça negra, assim a pintura preta no corpo era destaque, além de outros elementos como lábios grossos, nariz avantajado e seu inseparável boné vermelho, figura totalmente banalizada. Para Wense (2015), no Brasil os personagens negros mais antigos de Mauricio de Sousa também foram redesenhados, para perderam sua estética de Black face, como demonstra a figura a baixo.

**Figura 41 – Jeremias e suas transformações**



Fonte: Wense (2015, p. 30);

O personagem Jeremias se destacou na revista do Cebolinha, quando a Turma da Mônica promove uma eleição para eleger um líder para o clubinho dos meninos, Jeremias se candidata ao cargo em meio a um discurso, cita uma frase icônica um dia expressa por Martin Luther King “*eu tenho um sonho*”, o episódio tem mais coincidência, pois a história perpassa no período das eleições dos Estados Unidos, no qual um dos candidatos era negro chamado Barack Obama, em suas falas apresentava discurso sobre os direitos civis e igualdade racial, também protagonizada por King. Dessa maneira, o personagem Jeremias conquista seus eleitores vencendo a disputa. Conforme Chinen (2013), Mauricio sempre foi detalhista e cuidadoso com suas obras e raramente permitiu que temas mais polêmicos fossem abordados em suas histórias, a não ser no seu material para publicações em jornais, destinado a um público mais adulto.

**Figura 42 – Jeremias no palanque**



Fonte : Chinen (2013, p. 149).

Outra história importante que se destaca o personagem Jeremias, ele comenta que seus antepassados são remanescentes do continente africano “Jeremim em O Príncipe que veio da África”, no qual seu tataravô era príncipe de uma tribo na África, que foi trazido à força para as terras brasileiras como escravo, em busca de sua liberdade foge para comunidade de escravos fugidos, traçando a luta por liberdade para seu povo.

**Figura 43- Jeremim : O príncipe que veio da África**



Fonte: Jeremias – Pele ( 2018, p. 97)

A representatividade negra esteve em outros momentos nas produções de Mauricio de Sousa, no entanto não saiu da linha padronizada e sexista,

assim apresentando os negros destinados a serem jogadores de futebol ou empregados, marcando esse conceito lança personagens de celebridades do futebol, como Pelé (Pelezinho), Ronaldinho Gaúcho e Neymar. É notório observar que “esse universo idealizado, não há menção a episódios de preconceito ou de discriminação, mas a caracterização dos personagens segue estereótipo comum das caricaturas étnicas” (Chinen, 2013)

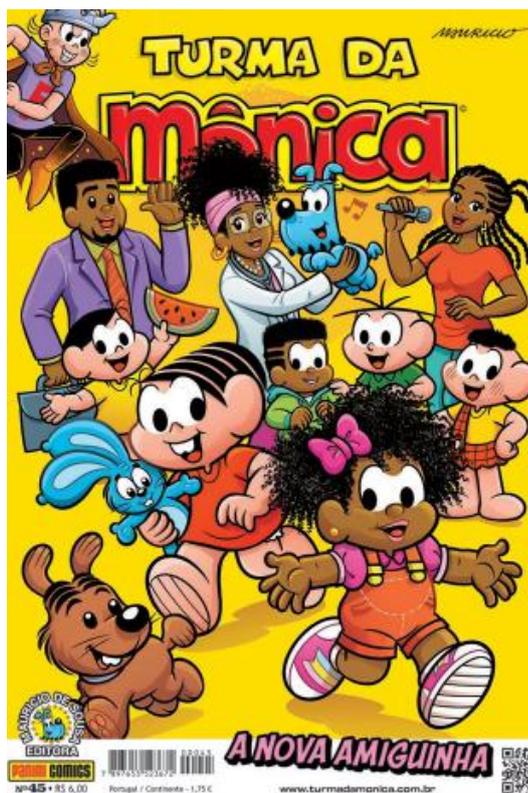
**Figura 44** - Pelezinho, Neymar Jr. e Ronaldinho Gaúcho



Fonte: Wense (2015, p. 71).

Com intuito de modificar o cenário de seus personagens e atender a realidade social, na qual aflora as questões raciais e da mulher, Mauricio de Sousa apresenta em 2017 uma personagem negra Milena e sua família, a princípio em formato de boneca, teve pequenas participações e em janeiro de 2019 na edição 45 revista Turma da Mônica escrita pelo roteirista Rafael Calças. A história enfatiza a amizade e a dificuldade da aceitação no grupo, sua família é de cinco integrantes, na qual sai da linha padronizada do lar negro, mãe veterinária e o Pai Renato publicitário, irmãos Solange e Fabinho. A importância da produção está relacionada à questão da representatividade, bem como, inserido no projeto “Donas da Rua”, tendo o suporte da ONU Mulheres.

**Figura 45** - Mauricio de Sousa apresenta família negra na Turma da Mônica



Fonte: revistaquem.globo.com (2019).

Estar presente em um universo imaginário e sentir-se representado de maneira fidedigna é papel também dos quadrinhos levantarem reflexões para questões sociais, contribuindo na construção da identidade e identificação da autoimagem, assim valorizando as diferenças. Personagens negros inseridos como protagonista de sua própria história e de suas lutas, alcançar o maior número de pessoas que de forma empática e que corroborem a mudar a realidade do preconceito e racismo, ações que buscam mudança de atitudes nas relações humanas respeitando as diferenças raciais e incorporando a igualdade.

É indubitável que, as práticas de ler e escrever são essenciais em nossa vida, assim como, o fortalecimento intelectual, institui o cidadão de conhecer o seu lugar e seu papel na sociedade. As HQs e os cartuns são retratos de uma linguagem informal e dinâmica, que atingem diversas idades e de realidades distintas pelo país e mundo, dando liberdade para variados temas, bem como, uma abordagem mais didática e cortes.

Diante das tecnologias oferecidas hoje aos alunos, essas produções veem a somar a criar realidades vividas por eles, estabelecer liberdade nas produções é oferecer ao discente um autorretrato e o autoconhecimento, que muitas das vezes triste e desigual em vários aspectos, isto é, características de uma nação que forja o ensino e os Direitos Humanos. Muitos são os preconceitos estruturais no Brasil, racismo, misoginia, desrespeito contra o idoso, crianças e adolescentes, pois esses dilemas não corroboram para uma nação amadurecer sob a perspectiva de rever o seu passado e mudar o presente, pensando no futuro.

Levando em consideração os aspectos mencionados, não só a oferta de uma educação de qualidade, saneamento básico, segurança e saúde, mas também, os excelentes materiais como os de Mauricio de Sousa e outros produtores de semelhante primor, far-se-ão leitores e alunos compreenderem efetivamente o papel da cidadania, a fim de, exercer de maneira factual, quebrando pré-conceitos estruturais.

### 3.1.1 Jeremias – Pele

Como já mencionado *Graphic Novel*, é uma história em quadrinhos publicado em formato de livro com aproximadamente 72 páginas, com histórias voltadas para um público mais experiente e conhecedor das narrativas. No Brasil, esse modelo é explorado pela grandiosa indústria das histórias em quadrinho Mauricio de Sousa Produções, que em 2009, lança o projeto MSP 50, com intuito de celebrar os cinquenta anos da carreira profissional de seu criador, desse modo, revisão das criações do cartunista foi bem recepcionado pelos consumidores, assim como, as novas apresentações em 2010, o MSP+50, e em 2011, MSP Novos 50.

Editor do estúdio incumbido pela Turma da Mônica Sidney Gusman, ficou responsável do projeto inicial da Graphic MSP, com objetivo de revelar olhares diferenciados sobre personagens que cativaram diversos leitores por muitos anos, ofertando a liberdade criativa aos cartunistas, com o objetivo manter a natureza de cada personagem. Com quatro lançamentos por ano, totalizam 26 publicações no formato Graphic Novel, entre eles está a obra de *Jeremias–Pele*, de Rafael Calça e Jefferson Costa (2018), já também com

programação de novos lançamentos para este ano de 2020, dentre eles *Jeremias 2*, com os mesmos autores.

Como primeiro personagem negro de Mauricio de Souza, a *Graphic MSP Jeremias – Pele* destaca uma temática velada, principalmente no universo infanto-juvenil, o tema racismo se tornou principal, sendo o primeiro volume da coleção a abordar o assunto, expondo dois autores negros, Jefferson Costa e Rafael Calça. “O preconceito não é algo que passa, então utilizamos nosso olhar de adultos para representar os pais, os altos e baixos de como eles lidam com o racismo e a responsabilidade de explicar o mundo para criança.” (CALÇA, 2018, p. 89)

*Jeremias–Pele* “apresenta elementos significativos, que tornam a história ainda mais poderosa” (Costa, 2018) a obra foge do estereótipo, como menino negro favelado, uma realidade diferente, na qual a criança vive com os pais em uma família abastada, mora no centro da cidade com acesso fácil aos bens de consumo, os pais exercem profissão de arquitetos considerado promissoras e privilegiada, aluno destaque, com boas notas em uma escola particular com certa diversidade racial, na figura feminina apresenta o orgulho dos cabelos afro e seus adereços com lenços e laços, seguindo a concepção do empoderamento da cor da pele representando símbolos de resistência e heroísmo negro.

No sentido de abordar o assunto do racismo, foi necessário incorporar situações que levam ao conceito estereotipado do negro, ligando-o ao trabalho braçal como a atividade de pedreiro, além de ligá-los às favelas, contextualizado em um cenário de marginalidade, vulnerabilidade e violência, igualmente, habilidade destinado aos meninos negros e destinado ao futebol. Ademais, a intenção de revelar as atitudes racista presente no cotidiano do negro, a *Graphic Novel* representa a truculência policial em suas abordagens preconceituosas, revela também, a visão de que os negros são incapazes intelectualmente tanto para ser destaque na escola ou exercer profissões promissoras, por tal ideia o distanciamento social aos negros é nítido na obra.

De acordo com Eliane Costa:

Romper o racismo e o interdito de se falar sobre pode significar trincar ou, quiçá, dismantelar um modelo discursivo hegemonicamente aceito e que marca “significativamente o

inconsciente e o imaginário coletivo do povo brasileiro”19: o de que o Brasil é uma nação inclusiva, harmônica e racialmente democrática (COSTA, 2015, p. 151)

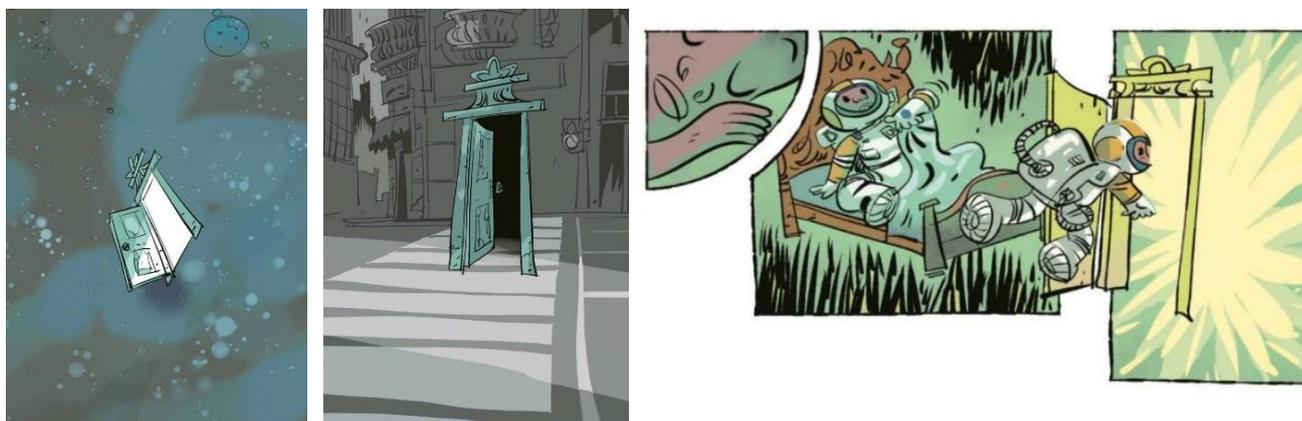
O racismo é entrelaçado na realidade infantil, bem como, a abordagem das ações sexista, em que a mulher não pode praticar ou seguir a carreira de jogadora de futebol, além de seguir os padrões de beleza e comportamento da dama branca e conservadora.

### 3.1.2 HQ Jeremias e a iconicidade

É importante salientar que desde sua criação o personagem Jeremias não protagonizou sozinho nenhuma capa da Turma da Mônica, fato modificado pela Edição Jeremias – Pele, na qual a história tem a função de romper com o que não pode ser dito, o obra traz tantos significados não só para os leitores e produtores como também para o criador do personagem, que em sua fala Mauricio de Sousa expressa que durante a apresentação do roteiro e os esboços, tive uma sensação: os dois colocaram o coração naquelas cenas (...) Pele me ajudará, inclusive, a corrigir uma injustiça histórica: apesar de ser um de meus primeiros personagens, o Jeremias nunca havia protagonizado uma revista sequer. E o faz, agora, em grande estilo diz Sousa:

Como mencionado anteriormente o personagem Jeremias esteve presente como coadjuvante na primeira obra de Mauricio de Sousa, bem como histórias participou de algumas narrativas da Turma da Mônica, hoje possui sua própria história. (SOUSA, 2018, p. 7)

**Figura 46, 47 e 48 - As portas do imaginário de Jeremias**



Fonte: Jeremias – Pele (2018, p. 3 - 7 - 56)

Quanto significado uma porta representa um objeto icônico que indica diversas possibilidades, desde o nascimento, o ser humano se depara com portas no decorrer de sua vida, sejam elas abertas ou fechadas, algumas delas são abertas pelo privilégio de nascer em lugar certo outras são abertas por muito esforço próprio, no entanto podem ser fechadas por não fazer parte de determinado grupo social, classe econômica, cultura, nacionalidade, idade, gênero e cor da pele. A vida real é cruel e arbitrária, embasada de morais e éticas separatistas, mas Jeremias se depara por muitas portas abertas e também fechadas por sua cor da pele, já em sonho Jeremias pode ser livre de ser o que quiser inclusive realizar seu desejo de ser astronauta. Infelizmente nem todos os sonhos podem ser realizar muitas portas e oportunidades são fechadas para maior parcela da população que estão a margem da sociedade. Na perspectiva do rapper Emicida (2018, p. 96) apresenta sua participação na obra na quarta capa escrita por ele, também faz um testemunho revelando que a história esta entrelaçada ao seu cotidiano “A ausência de referências positivas nos rouba o direito de imaginar, estabelece um teto para nossos sonhos. Minhas lágrimas correram pelo rosto ao ler “Jeremias – Pele”. Eu a vivi inteiro tantas vezes...”.

Visto que, no que diz em estética a primeira porta é composta por vários tons de azuis que leva do claro ao obscuro, em caráter lógico ela flutua sem saber o ponto de pouso em um mundo abstrato cheio de possibilidades pois esta aberta, na segunda as composições estéticas surge a porta semi-aberta em meio ao fundo escuro e sombrio em uma noite na cidade vazia, de forma estática ela aparece sob uma faixa tracejada, deduzindo que a um caminho ser percorrido, na última, de modo interpretativo Jeremias dorme e seu grande sonho se realiza, mesmo em meio aos espinhos, a luz da vitória e o desejo se realiza de ser um astronauta. Para entender os elementos expostos nas imagens Santaella contribui com que os ícones têm um alto poder de sugestão, por isso, condições de ser um substituto de qualquer coisa que a ele se assemelhe. Daí que, no universo das qualidades, as semelhanças proliferem, em que os ícones sejam capazes de produzir em nossa mente as mais imponderáveis relações de comparação (Santaella, 1983, p. 40), ou seja, as sugestões dessas icônicas levam o personagem a caminhos que a vida oferece, produzindo uma relação de comparação ao mundo real.

**Figura 49 e 50** –Dois momentos que retratam as sombras de Jeremias com os pais por meio das sombras.



Fonte: Jeremias – Pele (2018, p. 61 - 87)

Novamente a reprodução das sombras que traz efeitos capazes de produzirem significados, a família transparece de mãos dadas caminhando juntos por destinos incertos e repletos de percalços, associando os pais de Jeremias estão neste destino sofrido desde criança, assim presente na segunda imagem, na mesma via tracejada expostas anteriormente. A obra retrata o quanto é importante a força da família no enfrentamento do racismo de cada dia, na qual a energia é renovada no lar com os pais que lhe ensina como lhe dar com intempéries, dessa maneira foi amadurecendo a ideia que todos são iguais e nada pode ser motivo de indiferenças muito menos a cor da pele. Para Santaella (1983), no que tange “o objeto icônico é uma simples possibilidade do efeito de impressão que ele está apto a produzir ao excitar o sentido, ou seja, o ícone possibilita por meio de elementos gerar significações.” Portanto, os elementos das sombras expressam significações próximas da realidade vivida pela família do personagem, bem como para as pessoas negras.

Figuras 51 e 52 – O café da manhã com os pais e café após discussão.



Fonte: Jeremias – Pele (2018, p. 13- 59).

O racismo é tão devastador para as famílias e a vítima que sofre, na qual desestabiliza as estruturas familiares, aspectos nítidos nas figuras em que a primeira expõem o lar de Jeremias em harmonia, com expressões de sorriso de um lado ao outro, em um dia iluminado repleto de luz, já na próxima imagem define a realidade de muitas famílias devastadas pela miséria, violência e o preconceito, os pais denotam as expressões de pasmos, após o corte do cabelo rebelde de Jeremias, motivado pelos insultos sofridos na escola, como em outros momentos a presença da sombra e significativa demonstrando o sentimento interno da família, em que o externo interfere na realidade definindo cada traço do cenário anterior. Observando que a vivência de Jeremias reflete até no cotidiano da família, assim demonstra a importância do diálogo em torno do tema no ambiente familiar independente de

cor ou raça, Costa (2020) complementa que “a obra possibilita e remete a necessidade de tratar e debater, educar crianças sobre o tema racismo.” (Entrevista anexo, p. 113 )

Para uma leitura minuciosa do contexto em que Jeremias está inserido, faz-se necessário ponto de vista sagaz e metódico para apreciar, não só no que está visível, mas também o que está nas entrelinhas ou na obscuridade da imagem, na qual revela da força contida nas coesões das cores, texturas e linhas, além dos gestos protagonizados pelos personagens.

**Figura 53 e 54 - Imagem padrão desde a infância**



Fonte: Jeremias- Pele (2018, p. 62 - 63).

Quando se pensa em representatividade, destaca a ação em que a imagem das vitrines e propagandas é apresentada, logo esta visível o conceito de comunicação e seu papel cultural, no entanto também manipulador das consciências, sendo assim, a indústria cultural molda seu público consumidor. Com modelos da pele branca com cabelos loiros e lisos, os personagens não se sentem representados pela loja muito menos atraídos, é sim frustrado, o personagem Jeremias com seus pais ali refletidos na vidraça como criança, de braços cruzados e olhos baixos o pai de Jeremias expressa a verdadeira decepção por não se encaixar nos padrões preestabelecidos, assim como a

mãe com suas tranças, típicas da cultura afro, para Jeremias é espantoso não ver um modelo que o represente. O autor expõe sua crítica por meio das expressões corporais e faciais, é nelas que ficam nítidas as aflições sofridas pela população negra, em não ser representados por modelos com a cor de sua pele, cabelo ou suas vestias. Segundo Gomes (2017), na percepção da realidade, o ser humano enxerga o real por meio de seu filtro interno, como referência ele mesmo, assim também para julgar algo.

A reflexão que, a imagem remete e identificar que os bens materiais, poder, status social são subjetivos e um localizador social, pois a globalização proporcionou o hibridismo de identidades múltiplas e preconceitos estruturais, na qual o consumo o fez separatista, os personagens observam as vitrines, que de alguma maneira os deslocam do contexto de sociedade e comunidade. Outro exemplo é a reportagem de (Por Chi Onwurah, Vermelho/ 2017), que “Andromeda, princesa da mitologia grega, supostamente a mulher mais linda do mundo, era, no entanto, da Nubia e, portanto, negra. Claramente não se refletiu na presença de mulheres negras na indústria da beleza e da moda, assim como, o rebaixamento da negritude, que tem fortes consequências na maneira como as pessoas afros lidam com seu senso de autoestima.

**Figura 55, 56 e 57 - Abordagem policial ao pai de Jeremias**



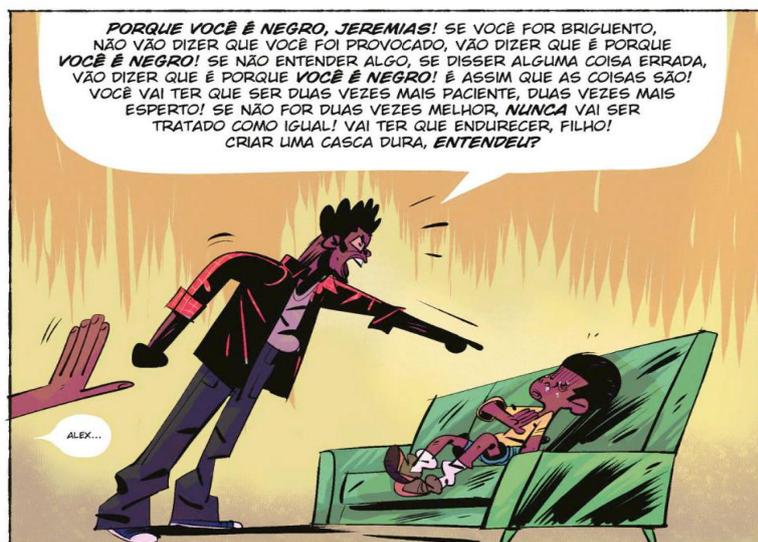
Na figura acima, retrata em sua maioria a violência policial, que claramente é direcionado a população negra, na primeira imagem demonstra que a primeira atitude do pai de Jeremias foi erguer as mãos, para uma possível revista, o policial lhe aponta com a mão pretensiosa, ou seja, ele era o alvo. Na segunda imagem a sobra fala por si só, com as garras afiadas prontas para atacar, assim transparecendo seu poderio, acuado o pai se exprime contra a parede e estende sua mão, em uma tentativa de argumentar, no entanto a terceira imagem expõe a abordagem policial e novamente a sombra representa a ferocidade dos policiais, com uma arma na mão tem poder para tudo. A dinâmica da imagem é explícita, detalhando a truculência investida pelos instrumentos de segurança pública contra os negros, não sendo a toa que a maioria do público de presos no Brasil é de negros, assim os autores procuram fazer com que o leitor reflita sobre as situações vividas pelos negros.

O papel das novas tecnologias vem corroborar no processo denunciativo, fazendo que situações semelhantes sejam gravadas e expostas nas redes sociais, cenas como essas são registradas corriqueiramente pelas periferias, a sombra na parede representa como uma parte da sociedade vê a força policial despreparada, pois ela que também tem o papel de paciente desse emaranhado de dilemas estruturais.

Mais adiante na história, na abordagem policial o pai de Jeremias é hostilizado e desacreditado, mesmo sendo arquiteto teve que mostrar a carteira de trabalho provar ser um trabalhador, fato comum para a comunidade negra, assim como o caso que ocorreu nos Estados Unidos, vítima da brutalidade policial, a vítima negra George Floyd, asfixiado e morto por um agente enquanto estava algemado de costas para o chão, a gravação da agressão viralizou nas redes sociais e gerou comoção mundial e diversos protestos.

Dessa forma, Graphic Novel elege expor sentimentos e impressões por intermédio de sombras e os elementos de cada quadro, a imagem impacta pela extrema violência advinda de agentes que deverias resguardar a segurança e integridade física de todos e qualquer cidadão, para Costa (2020) “nessa ação realmente acredito alcançar também alguns arrependidos que costumavam tomar certas atitudes racistas sem pensar no estrago do outro lado, só não conseguimos conversar com racistas de ideologia e profissão.” (Entrevista – anexo, p. 114)

**Figura 58** - A ira do pai depois da abordagem policial, numa tentativa de evitar que o filho passe pelas mesmas coisas que ele.



Fonte: Jeremias – Pele (2018, p. 32).

A ideia da palavra lar é ampla, são muitas as definições emocionais dadas a ela, pois é nela que o ser humano busca segurança, tranquilidade, paz e ensinamento ético e moral. Na ilustração, o pai de Jeremias da maneira defensiva e protetora, literalmente “lança” palavras em forma de armas, que na qual o filho terá que usar para se defender de algumas pessoas que desconhecem o respeito e às diferenças. Tal qual, apresentada por um só balão, a fala direcionada ao menino repleta de angústia, ao ver seu filho frágil em meio a situações de antepaixão e não sabendo contornar os fatos.

Fica evidente a expressão de fúria e aversão, demonstra o cansaço em ver tantas injustiças sofridas com seus semelhantes, motivados simplesmente pela cor de pele. Por outro lado, a mão da mãe aparece no cenário para apaziguar e frear o pai, pois ela percebeu que os limites foram ultrapassados. É inegável que, o assunto é doloroso para muitas famílias abrirem o diálogo, em conformidade com a fala de Calça ( Entrevista anexo, pag. 117 ) “ apesar do tema dolorido, as crianças debateram e se reconheceram como um ser humano muito maior do que sua cor de pele”, ai esta a importância modificar não o que está sendo ensinado, mas a forma agressiva que foi passado para a

criança, assim como, buscam maneiras de educarem seus filhos negros e brancos em conceito de igualdade.

A interferência da família é significativa para o desenvolvimento da criança, tocar no assunto racismo e preconceito são fundamentais para a formação social e cidadã das crianças, para o reconhecimento e orgulho de sua identidade. Inclusive o Rapper Emicida expõe na obra um momento emblemático vivenciado com sua filha, em que havia prometido comprar uma boneca de princesa, na loja existia uma infinidade de bonecas seguindo um padrão loiro, no entanto, escondida entre tantas uma princesa escura como eles, porém sua filha lhe pediu outra, mesmo ele insistindo na princesa negra a criança foi relutante e chorosa dizendo que não desejava “aquela”. (EMÍCIDA, 2018, p. 99), ou seja, a criança não si reconhece nos brinquedos muito menos sua própria identidade, seguindo assim o padrão estabelecido pela sociedade e o comercio, infelizmente são pequenas atitudes que se pode reconhecer o racismo impregnado desde a infância.

**Figura 59** - Rejeição ao Jeremias



Fonte: Jeremias – Pele (2018, p. 79).

É notório que, a desigualdade social corrobora para o preconceito racial, ligada ao desprezo de classe, mas fica evidente a cor da pele, mesmo o personagem fazendo parte de outro contexto essas agressões vivenciadas por pessoas da raça negra ainda são práticas de aspereza, atos cometidos no dia a dia são retratos de uma sociedade que não derrubou a abolição do papel assinado no século XIX, exemplo de uma moça que não quer sentar ao lado de um jovem negro no transporte público, levando a personagem a se expressar com indiferença e o disparate de estar sentada naquele banco, contrapartida, Jeremias se vê surpreso pelo fato dela não ter sentado ao seu lado, bem como, o sentimento de tristeza de ter sido desdenhado e acuado como um animal amedrontado, assim reflete no vidro do ônibus sua tristeza por ser ignorado por um motivo a cor de sua pele.

Santaella auxilia no entendimento para a construção da imagem e suas correlações demonstrando a ação dos signos, ela reforça todas as aparências sensíveis, o homem — na sua inquieta indagação para a compreensão dos fenômenos — desvela significações. “E no homem e pelo homem que se opera o processo de alteração dos sinais (qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo) em signos ou linguagens (produtos da consciência).” (SANTAELLA, 1983). O estudo do sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) as relações de poder e saber no contexto social implica considerar que o poder não é um objeto natural, mas uma prática social historicamente constituída. “ Discriminação e nojo: até quando vamos ignorar o que vemos e vivemos?” (JACY AFONSO, 2014). Portanto, o preconceito que a sociedade estabeleceu como conveniente, seja ele o individual em que o sujeito não entende a complexidade de seus atos, institucional praticada direta ou indiretamente por instituições e a estrutural um conjunto de diversas formas de racismo que estrutura a sociedade naturalizar o negro como ser inferior ligado a servidão e a criminalidade, sendo assim esta visão deve ser derrubado por meio de políticas públicas que fomentem o respeito ao ser humano como ele é, e com as coalizões culturais advindas de uma sociedade pluricultural.

**Figura 60 e 61** – A apresentação de Jeremias na escola e o constrangimento da professora.



Fonte: Jeremias – Pele (2018, p. 72- 74).

Em um episódio na escola a professora realiza uma atividade em que cada aluno deveria apresentar uma profissão em que ela selecionou a cada um, no entanto, Jeremias quis uma exceção em que ele escolhesse sua profissão - a de “astronauta”, causando gargalhadas dos colegas, mas foi repreendido pela professora, pois foi ela mesma quem a escolheu, a de pedreiro. É inegável que, a sociedade estabeleceu fenótipos para cada carreira, de maneira impensada a professora escolheu o ofício de pedreiro a Jeremias, ou seja, reforçando a ideia de que o negro cabe especificamente para serviços braçais e não são capazes de uma ascensão social. Embora Jeremias descobrisse que a avó exerceu a profissão de pedreiro, passou a repensar sob, pois nutria grande orgulho.

Com os intempéries vividas naquele momento, ele passa a realizar uma apresentação fenomenal, e expõem a ação estereotipada da professora e cresce diante da toda a sala se tornando um “gigante” perante os colegas, mesmo diante dos inconvenientes e as atitudes preconceituosas, tal situação não foi diferente para a construção da obra assim Calça (entrevista anexo, pag.

117) revela “ eu nem sabia o quanto precisava colocar para fora certos eventos que me aconteceram e sentimentos que vieram disso. Falar da vivência de ter sido um menino negro foi muito importante”. Nesse cenário o quanto os fenômenos icônicos são representados nas imagens é o primeiro objeto a ser destacado, assim, “qualquer coisa é capaz de ser um substituto para qualquer coisa com a qual se assemelhe” (PEIRCE, 1990, p. 64), ou seja, o objeto desvenda a semelhança com o que é fato e real.

Pode-se observar que, cabe reparar danos históricos a população negra do Brasil, com caráter de dar oportunidade de ascensão social voltada à empresa Magazine Luiza realiza programa de contratação trainee exclusivo para negros da rede varejista, no entanto, a empreitada causou manifestações contrárias, vindo de pessoas que não querem enxergar o abismo existente na sociedade brasileira, de acordo com a Tribuna de Jundiaí 25/09/2020. Para Mauro Utida, um Jundiaiense denuncia contratação da Magazine Luiza por discriminação racial, na qual um cidadão registrou boletim de ocorrência, e não foi o único, foram mais de 11 BOs pelo Brasil. Ademais, foram realizadas solicitações para que o Ministério Público do Trabalho investigue a ação da varejista, alegação dele “visa contratar novos funcionários através de critérios raciais, que fere a Constituição da República”.

No entanto, para o MPT, a política da empresa é legítima e não existe ato ilícito no processo de seleção, já que a reserva de vagas à população negra é plenamente válida e configura ação afirmativa, além de “elemento de reparação histórica da exclusão da população negra do mercado de trabalho digno”.

Figura 62 e 63 – Monumentos retratados na *Graphic Novel*.



Fonte: Jeremias – Pele (2018, p. 60).

Vale lembrar que, em um país com aproximadamente 56% da população é negra e parda, representatividade deve ser no mínimo proporcional, dando possibilidade de oferecer protagonismo em inúmeros espaços, no que se referem à simbologia as referências são fundamentais, por meio dela, se reconhece a estética, artes, cultura e política. Dessa maneira, a imagem tem o papel de representar é inspirar, ampliando padrões e solidificando a identidade racial, em consonância com a ideia de Peirce, em que as imagens constituem o tipo mais próximo de um ícone ideal, sendo eles os signos que “participam das qualidades simples” do objeto representado (PEIRCE, 1990, p 64 ).

A obra Jeremias - Pele exibe referência do mundo real e da cultura negra, trazendo a representatividade de figura importante na resistência e luta dos negros no Brasil, apresentando a Estátua da Mãe Preta e o Monumento a Zumbi dos Palmares, reconhecido como imagem icônica da resistência dos escravos negros junto aos quilombolas. Em vista disso, garantir a presença e visibilidade da cultura negra possibilita o reconhecimento da identidade, mesmo presente na festa mais popular do Brasil, o carnaval, na qual a escola de samba Mangueira em 2019 ganhou Estandarte de Ouro oferecido pelo jornal O Globo, com enredo que recontou a história do Brasil por meio de heróis da resistência negros e índios, em busca de seu 20º título, escola desconstruiu na avenida a imagem de figuras históricas como a Princesa Isabel, Dom Pedro I e Pedro Álvares Cabral.(G1 Rio,2019)

Ao descrever cada imagem, foi possível entender as analogias contidas nas representações, também em cada elemento icônico, podendo assim explicar o papel e função de cada uma delas, trazendo movimento e dinamismo para cada ponto de vista expressado pelos autores, na qual Calça ( entrevista anexo, pag. 118) “e histórias de protagonismo negro devem ser produzidos simplesmente porque há artistas incríveis por aí, e sem privilégios de poder mostrar sua criatividade”, bem como o incentivo devido, para produções realizado por autores negros. Dessa maneira, contextualizar cada imagem com fatos do cotidiano e real da população negra de preconceito e racismo, a obra abre possibilidades de reflexões sobre o tema, sugerindo uma mudança de comportamento e atitudes em busca de igualdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indubitavelmente que, a identidade cultural é construída pelas memórias, experiências de vida, descobertas que a humanidade fez por questões de necessidade, essas bagagens sociais e individuais corroboram para a interação dos diferentes, no entanto a separação dos aculturados e cultos são práticas sustentadas pela ciência, por mais absurda que pareça, de que os considerados selvagens são próximos dos animais e os civilizados são humanos superiores. Nesse sentido, o trabalho possibilitou realizar um apanhado de conceitos que levam a essa teoria, em que a sociedade vem amadurecendo de acordo com os padrões estabelecidos por aqueles que detêm o poder relacionado, bem como os aspectos físicos, sociais e culturais. Dessa maneira, justifica a prática de segregação racial e reforçando o que historicamente a população negra ficou em desvantagem, assim exposta ao racismo e preconceito.

O trabalho confirmou a possibilidade vivenciar na atuação como conselheira tutelar na cidade de Campo Grande no Estado de Mato Grosso do Sul, o quanto o racismo estrutural é perpetuado nas esferas mais significativas da sociedade, na qual a população negra permanece em sua maioria em situação vulnerável a todas as más condições e oportunidades, como educação, lazer, saúde e segurança pública, a última destaca-se não de forma positiva, pois sempre os negros são visto como suspeitos para prática de violência, quantos atendimentos tive de pais relatando a perseguição da polícia contra seus filhos, seja com agressão ou até mesmo a morte, de meninos que tinham a cor da pele como alvo. Outra situação em que a produção do projeto evidenciou, foram as atitudes racistas de colegas de escola e até professores, a desfavor das crianças negras, em suas falas foi possível observar o quanto isso afetava no psicológico das crianças e adolescentes, deixando cicatrizes eternas, casos não muito diferentes demonstrado na obra Jeremias – Pele, ver que a narrativa ficcional não está longe da realidade e que as histórias em quadrinhos estão repletas de situações mais do que imaginado é sim vivenciado.

Em questão de percepção o objetivo do trabalho, foi baseado na perspectiva semiótica peirceana, na qual da base para analisar signo, ícones e

índices, exposto nas imagens da Graphic Novel Jeremias – Pele, seguindo a triádica semiótica de Interpretante, signo e objeto, um sistema com finalidade de expressar uma ideia, seja ela o mais próximo do real ou distorcida, a teoria viabilizou uma análise mais profunda e significativa das iconografias apresentadas na HQ Jeremias, uma identificação de seus interpretantes, aquilo que está além da escrita, ou seja, presente em todos os processos de comunicação humana.

Além disso, o método semiótico é um campo de estudo a ser inserido sistematicamente no processo de ensino e aprendizagem, em que o sujeito constitui técnicas mais elaboradas, assim possibilitando o alunado a realizar interpretações detalhadas dos elementos de comunicação, compreendido por diversos formatos como palavras e imagens, recursos a serem explorados no âmbito escolar. Desse modo, os materiais proporcionaram mais proximidade com a realidade, na qual é retratada nas HQs de maneira clara e objetiva, e o mais importante, obras acessíveis a qualquer pessoa, escola e professores que queiram usar em sala de aula, ou seja, exemplares que possibilitam aprofundar as disciplinas de Língua Portuguesa, História, Matemática e a Sociologia, pois o comportamento da humanidade é pesquisado.

Em vista disso, identificado a contribuição das HQs no ensino da leitura, escrita e interpretação, em que a semiótica evidencia as inúmeras reflexões do que não está dito nas palavras pode estar exposto nas imagens, composto por uma narrativa textual e imagética, sendo esse com mais de um tipo de linguagem é conceituado como uns textos multimodais ou multissemióticos, abrindo um viés para a interdisciplinaridade, em que o aluno adquira capacidade e habilidade necessárias para enxergar criticamente o que está ao seu redor.

Pode-se observar que, cada sociedade estabeleceu um conceito de cores, expressões e significações, similarmente essas demonstrações foram registradas também pelos textos, que ao evoluir perpassou por diversos métodos e construção. Logo, as informações capitadas no trabalho são relevantes para diferentes abordagens e entendimentos, em que alunos possam conhecer as trajetórias das histórias em quadrinhos desde a pré-história, no qual o homem registrava seu cotidiano por meio das pinturas rupestres, chegando até as narrativas ficcionais repletas de representações

verbais e não verbais essa transformação denota os arquétipos de super-heróis, em que as etapas se organizaram em Eras do ouro, prata, bronze e moderna e atualmente tornou-se um grande mercado de ícones venerados pelo seu público.

Importante ressaltar que, o estudo conduziu ao seguinte entendimento, que mesmo com o grande sucesso das narrativas de heróis, a presença de personagens negros foi invisibilizada, demonstrando o comportamento racista e preconceituoso da sociedade de cada época, essa representatividade no cenário das HQs seguiu os conceitos raciais, em que os personagens eram apresentados de forma estereotipada, com certas características acentuadas em caráter negativo como cor da pele exibida pelos “Blackface”, tamanho do nariz, lábios e negação do cabelo, foi possível identificar esses modelos na figura de Jeremias, que sofreu modificações de acordo com os princípios da época.

Com intuito de obter igualdade racial, muitas lutas foram traçadas, no entanto, mesmo com batalhas e resistência o racismo ainda permanece na sociedade, ainda mais exposta na desigualdade social, em que o negro não tem acesso os serviços e políticas públicas efetivas. Por isso, a importância de se trabalhar com recursos pedagógicos como a *Graphic Novel* HQ Jeremias – Pele, colocando a história e a cultura africana como destaque, buscando o reconhecimento e a valorização dos afrodescendentes na construção da identidade brasileira e na formação do cidadão, que compreenda a multiculturalidade existe no país.

No decorrer da pesquisa foi identificado a resistência da maioria dos estados e municípios, quanto a implementação e comemoração do dia da consciência negra e o reconhecimento de Zumbi dos Palmares como herói nacional, a objeção sem justificativa plausível. Além disso, a abordagem do tema nos livros didáticos ou até mesmo na formação de professores é ínfima, mesmo com a aplicação da lei 10.639 para o ensino da ancestralidade africana. Assim sendo, as escolas, universidades, poder público e sociedade civil, precisam participar de maneira direta e também se abrir para diferentes falas.

A pesquisa teve como objeto de estudo a *Graphic Novel* protagonizada pela figura infanto-juvenil Jeremias – Pele, uma releitura lançada pela Mauricio de Sousa Produções, trazendo momentos marcantes como abordagem policial,

rejeição por conta da pele, a relação do negro ao trabalho pesado, bem como a ascensão no ambiente escolar e do trabalho, sendo vivenciado pela família negra do personagem, um racismo e preconceito nítido nos ícones e velado no signo representado nas sombras, expressões, linhas e cores, levando o leitor as comparações com a realidade.

O estudo levou em consideração, que a obra foi elaborada por dois autores negros Jefferson Costa e Rafael Calça, que deixaram evidente suas vivências na obra, situações que se assemelham com acontecimentos reais. Nessa perspectiva, avaliar o contexto dos autores foi determinante para a necessidade de reconhecer que a educação étnica racial está a léguas de atingir os que mais precisam conhecer suas origens, identificar e combater o racismo e preconceito velado nas palavras não ditas.

Dessarte, além de apresentar pressupostos teóricos para análise de imagens presentes nas histórias em quadrinhos, o trabalho também corrobora para implementação efetiva das leis já existentes no país, no que tange o reconhecimento identitário, fazendo com que mais recursos pedagógicos abordem o tema, sejam implantados nas escolas públicas e particulares, seja pela HQ Jeremias – Pele, buscando o orgulho de ser um país que priorize a igualdade entre as raças, sendo a escola o ambiente primordial de diálogo contra o racismo e preconceito.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Zelinda dos Santos. **Educação e relações étnico-raciais**. – Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2009.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou Ofício do Historiador**. Rio Janeiro: Zahar Ed., 2011.

BRASIL. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Comunicação ubíqua.Repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013

BRASIL. PCN-LP.- **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação fundamental, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : história / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília : MEC / SEF, 1998.

BRASIL. *Leer e interpretar la imagen para traducir*. **Trab. Ling. Aplic.** Campinas. jul./dez. 2011.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum** Ministério da Educação. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso dia 23/07/2020

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. História **em quadrinhos no Brasil: teoria e prática**. São Paulo: Intercom; Unesp, 1997.

CALÇA, Rafael e COSTA, Jefferson. **Jeremias – Pele**. Barueri, SP: Panini Books, 2018.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Educação Africanidades Brasil-Educação Pré-escolar: o início do fim da intolerância**, MEC/ Brasília , 2006.

CHINEN, Nobuyoshi. **O PAPEL DO NEGRO E O NEGRO NO PAPEL: Representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros**. São Paulo: Tese Doutorado / Universidade de São Paulo, 2013.

COELHO, Raquel. **A arte dos quadrinhos/ texto e ilustrações**. – São Paulo: Formato Editorial, 2007.

CORTINA, Arnaldo; SILVA, Fernando Moreno da. **“Apresentação”**. In: **Semiótica e Comunicação: estudo sobre textos sincréticos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CONCEIÇÃO, H. C. CONCEIÇÃO, A. C. L. **A construção da identidade afrodescendente**. Revista África e Africanidades - Ano 2 - n. 8, fev. 2010.

COSTA, Eliane S. **Racismo como metaenquadre**. Revista do Instituto de estadis Brasileiroa, Brasil, 62, 2015.

CP: **The Collected Papers of Charles S. Peirce** (PEIRCE, 1994)

DIAS, E. ET al. **Gêneros Textuais e (ou) Gênero Discursivos: uma questão de nomenclatura**. Interações. Portugal , v 7, n.19, 2011.

DIONÍSIO, Ângela P. Gêneros Multimodais e Multiletramentos. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna. 2006.

ECO, UMBERTO. **Tratado Geral de Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, [1975] 1980.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

EISNER, Will. ANDELMAN, Bob.. **A Spirited Life**. Milwaukie, MPress, 2005.

FEIJÓ, Mário. **Quadrinhos em ação: um século de história**. São Paulo: Moderna, 1997.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **A estratégia dos signos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **A estratégia dos signos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.

FERRAZ JÚNIOR, Expedito. **Semiótica aplicada à Linguagem Literária**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.

FURTADO, M. B. SUCUPIRA, R.L. & ALVES, C. B. **Cultura identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural**. UNB/ Brasília, 2014.

GOMBRICH, Ernst H. J. Condições de Ilusão. In Arte e Ilusão: **Um Estudo da Psicologia da Representação Pictórica**. São Paulo: Martins Fontes. 1986.

GOMES, Nataniel. **Mente Renovada: o que a Bíblia e a neurolinguística ensinam sobre mudança de vida**/ Nataniel Gomes e William Douglas, - Brasília: Palavra, 2017.

GUISARDI, Conceição M. A. **A. Leitura e produção de história em quadrinhos: uma proposta de multiletramentos pautada na Gramática do Design Visual e em aulas do Portal do Professor**. Programa Pós Graduação em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

HOWE, Sean. **Marvel Comics: a história secreta**. São Paulo: LeYa, 2013.

INOCÊNCIO, Nelson Olokofá. **Educação Africanidades Brasil: Corpo negro na cultura visual brasileira**, MEC/ Brasília, 2006.

JUNIOR, Francisco Ramalho. **Da criação ao roteiro : teoria e prática / DocComparato**. — São Paulo :Summus, 2009.

KRESS, Gunther & VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

*KRESS, Gunther. What is mode? In: JEWET, Carey (ed). The Routledge Handbook of Multimodal Analysis. London: Routledge. 2009.*

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da Informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LOURENÇO, D.S. Reflexões sobre contribuições da teoria dos multiletramentos em aulas de língua inglesa e as (im)possibilidades de aplicação do ensino público. **III Encontro de Produção Científica e Tecnológica**, Curitiba/PR, Anais Universidade Estadual do Paraná, 2013.

MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução Hécio de Carvalho; Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

MENDONÇA, Maria R. de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A.. **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002

MORRIS, Matt; MORRIS, Tom. **Homens em collants coloridos, lutas ferrenhas e grandes alturas; e, claro, algumas mulheres também!**. In:

IRWIN, William (Coord.). **Super-heróis e a filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático**. São Paulo: Madras, 2005.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Educação Africanidades Brasil: Introdução história da África**. MEC/ Brasília, ano 2006.

NEGRÃO, Esmeralda V. **Preconceitos e discriminações raciais em livros didáticos e infanto-juvenis**. In: Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/ Cortez, 1988.

NETTO, J. Teixeira C. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce**. 4 ed. São Paulo: Annablume, 2003.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Educação Africanidades Brasil- A História africana nas escolas: entre abordagens e perspectivas**, MEC/ Brasília , 2006.

Oliveira, Gil de. **A Fada que queria ser madrinha**. Curitiba: Nova didática, 2002.

OTTONI, M.A.R. *et al.* **A presença e a abordagem de gêneros multimodais em livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio**. Polifania. UFMT, 2010.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

PIAGET, J..A **epistemologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RAJGURU, Nutan; WOOD, Adrian. **O Partido dos Panteras Negras pela Auto-Defesa**. 2008.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2010.

REBLIN, I. A. **Para o alto e Avante: uma análise do universo criativo dos super-heróis**. Porto Alegre: asterisco, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROSA, F. **Almanaque dos quadrinhos: 120 anos de história**. São Paulo: Discovery Publicações, 2014.

SANTAELLA, L., & NÖTH, W. **Imagem: Cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Editora Iluminuras. 2005, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo, Cengage Learning, 2008.

SANTAELLA, Lucia; VIEIRA, Jorge Albuquerque. **Metaciência: como guia de pesquisa – uma proposta semiótica e sistêmica**. São Paulo: Mérito, 2008.

SANTOS, Luiz Carlos. **Educação Africanidades Brasil: A presença negra no Brasil**. MEC/ Brasília . 2006.

SANTOS, Marcos Ferreira. Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku *In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03* / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Lourival; LIMA, Maria **E se nem todos os caminhos levassem à Roma? (Ensino de História e Reeducação étnico-racial)**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis-SC, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Ed. Cultrix, 1969.

SIQUEIRA, Bárbara; SOUZA, Juliana R. **As Transformações na Historiografia e no Ensino de História a partir do Século XX**. ANPUHPB. anais\_xiii, 2003.

SILVA, Marcella de Holanda P. D. **Negritude e infância: cultura, relações étnico-raciais e desenvolvimento de concepções de si em crianças**. 2010.

SIMÕES, D. **A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática**. Rio de Janeiro, Editora Eduerj, 2019.

SIMÕES, Darcilia M. P. (Org.) **Semiótica, Linguística e Tecnologias de Linguagem**. Homenagem a Umberto Eco. ||. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013.

SIMÕES, Darcilia, Ana Lucia Poltronieri e Maria Noêmi Freitas (orgs.). **A contribuição da semiótica no ensino e na pesquisa**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2010

SIMÕES, Darcilia. (autor) **Semiótica e Ensino: Letramento pela imagem**./Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017.

SOUZA, Andréia Lisboa . **Educação Africanidades Brasil: Cultura afro-brasileira em livros paradidáticos**, MEC/ Brasília , 2006.

SOUZA, B. O. **Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008.

VYGOTSKI, L. S (1996b). Problemas de la Psicología Infantil. *In Obras Escogidas* (Vol. IV, pp. 249-387) Madri: Visor

WENSE, Henrique S. **A imagem do negro nos quadrinhos e nas produções audiovisuais infantojuvenis**. Brasília, UNB, 2015.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. **Os Negros nas histórias em quadrinhos de super – heróis**. São Leopoldo/ RS, Periódicos 2013.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceitos fundamentais da história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

YUSTE FRÍAS, José ,Nuevas perspectivas para traducirlaimagenenpublicidad internacional. In DOMÍNGUEZ. Xoán M (ed). In **Traducción para lacomunicacion internacional**. Granada: Editorial Comares. p. 83-92. 2013

YUSTE FRÍAS, José. Ortotipografía Y Traducción. In **Píldoras T&P**. Nº 07. Vigo: TV Universidade de Vigo. 2010

Autor: ONWURAH, Chi, A beleza negra será política até que seja vista como natural. Site Portal Geledés, 2017. < <https://www.geledes.org.br/beleza-negra-sera-politica-ate-que-seja-vista-como-natural/>>. Acesso: 21 Ago. 2020.

Autor: SARAIVA, Adriana. População chega a 205,5 milhões com menos brancos e mais pardos e pretos. Site Agência IBGE Notícias, 2017. <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>> Acesso: 20 Ago. 2020.

Autor: BODONI, Influenciada pelo Black Lives Matter, União Europeia faz seu primeiro projeto contra o racismo no continente. Site Portal Geledés, 2020. < <https://www.geledes.org.br/influenciada-pelo-black-lives-matter-uniao-europeia-faz-seu-primeiro-projeto-contr-o-racismo-no-contidente/>>. Acesso: 26 Set. 2020

Autor: AFONSO, Jacy, Discriminação e nojo: até quando vamos ignorar o que vemos e vivemos?. Site Portal Geledés, 2014. < <https://www.geledes.org.br/discriminacao-e-nojo-ate-quando-vamos-ignorar-o-que-vemos-e-vivemos/>> Acesso: 27 Set. 2020.

Autor: UTIDA, Mauro, Jundiense denuncia contratação da Magazine Luiza por discriminação racial. Site Portal Geledés, 2020. < <https://www.geledes.org.br/jundiense-denuncia-contratacao-da-magazine-luiza-por-discriminacao-racial/>> Acesso: 27 Set. 2020.

Sem autor: Mangueira ganha Estandarte de Ouro com enredo sobre os heróis da resistência no Brasil. Site Portal Geledés, 2019. <  
<https://www.geledes.org.br/mangueira-ganha-estandarte-de-ouro-com-enredo-sobre-os-herois-da-resistencia-no-brasil/>> Acesso: 27 Set. 2020.

**ANEXOS:**

Anexo I – Questionário de Entrevista autores da obra: Jeremias - Pele Graphic MSP - 2012 (Panini) – 018.

Autores: Jefferson Costa e Rafael Calças

- 1) Quando iniciou sua carreira nos quadrinhos?
- 2) Porque iniciou?
- 3) Quem lhe influenciou e/ou apoiou?
- 4) Quais editoras publicou seus trabalhos?
- 5) Dá para viver só de HQ?
- 6) Qual seu método de Trabalho?
- 7) Mercado- Vendas- Tiragens?
- 8) O Leitor- Cartas?
- 9) Autores que conheceu?
- 10) Bastidores das HQs- Jeremias?
- 11) O que sentiu e vivenciou com HQ – Jeremias?
- 12) Repercussão social do HQ- Jeremias?
- 13) Alegrias?
- 14) Desilusões?
- 15) Perspectivas de futuro das HQs?

Desde já agradeço a colaboração!

Fonte: COELHO NETTO, J. Teixeira. Semiótica, Informação e Comunicação. São Paulo: Perspectiva, 1980.

Na intenção de revelar a história por de trás da obra e seus construtores, assim identificando suas falas durante a narrativa do personagem Jeremias, a entrevista com os autores da obra: Jeremias - Pele Graphic MSP - 2012 (Panini) – 018, Jefferson Costa e Rafael Calça, possibilitara conhecer a carreira dos executores antes e depois da publicação, no qual já fizeram diversas ilustrações para inúmeros livros e revistas.

**Figura 64**



Anexo II **Autor :Jefferson Costa** paulistano, atua em diversas áreas como ilustrador, *storyboard* e desenhista de personagens e cenários para animações, HQs, Álbuns, participou de produções nos Estados Unidos.

Obras Publicadas:

- **Animações:** *Historietas Assombradas* ( para Crianças Malcriadas) – TV Brasil; *Megaliga*; *Infortúnio*, *Fudêncio e seus amigos*, *Só Peruíbe Sanva*, *The Jorge e Rockstar Ghost* – MTV.
- **História em Quadrinhos:** coletânea *Front # 16* – Via Lettera; *Feliz aniversário, feliz obituário*; *Máquina Zero* – Quadro a Quadro; três volumes *Quebra Queixo- Technorama-* Devir; *Fim do Mundo* – Saraiva; *Gibi Quântico*; nos Estados Unidos o HQ *Kiss me Judas*; *Gunned Down/ Bang Bang* – Terra Major , coletânea *western Outlaw Territory 3*; *Arcane Sally & Mr. Steam*
- Graphic Novel:** *Jeremias – Pele / MSP* (2018); *Roseira, Medalha, Engenhos* (2019)– Pipoca & Nanquim e *Anansi no catarse* lançado este ano 2020.
- **Álbuns:** *A Dama do Martinelli-* Devir; *A Tempestade* – Nemo e *La Dansarina-* Quadro a Quadro.

**Entrevista:**

**1) Quando iniciou sua carreira nos quadrinhos?**

Por volta de 2002, 2003, ao participar do fanzine da Quanta academia de artes, voltado a divulgar trabalho dos alunos, e do concurso interno que escolheria alunos a participar da produção do álbum *Quebra Queixo Technorama*.

**2) Porque iniciou?**

Sempre desenhei desde criança, como quase todo mundo, e segui desenhando como um hobby, pois não via como uma realidade possível pra mim. Minha formação é em eletrotécnica, ensino médio técnico, trabalhei em manutenção de aeronaves na TAM, hoje Latam, como também na companhia

elétrica de São Paulo, Eletropaulo. Mas rapidamente percebi que não haveria oportunidades de crescimento e reconhecimento do bom trabalho, no meu caso, muito pelo contrario. Com essas decepções, e ao descobrir a existência da Quanta academia de Artes, na época ainda era a Fábrica de quadrinhos, dediquei e investi, enquanto pude, o que tinha para radicalmente mudar de carreira. Mudar minha realidade posta.

### **3) Quem lhe influenciou e/ou apoiou?**

Apoio da família, pais e esposa foi gigante, como também foi Marcelo Campos e Octavio Cariello, sócios donos da Quanta á época, que me fizeram o primeiro bolsista integral sem contrapartida da escola por mais 3 anos de formação. E Bruno D'Angelo, diretor de arte na editora abril, que me oportunizou os primeiros trabalhos como ilustrador, com quem também aprendi muito.

### **4) Quais editoras publicou seus trabalhos?**

Como ilustrador, trabalhei com muitas editoras, Abril, Globo, FTD, Moderna, Positivo, Ática, Fisk, Panda Books, Editora do Brasil, entre outras.

Como quadrinista, editora Devir, Abril, Terra Major, Dragabok, Image, Nemo, Japuti, Draco, MSP- Panini e Pipoca e Nanquim.

### **5) Dá para viver só de HQ?**

Depende muito. Sim pra quem consegue fazer carreira com editoras gringas onde existem uma indústria de fato. Aqui no Brasil onde não existe uma indústria, um mercado de HQ de fato, poucas exceções conseguem. Pra mim ainda não aconteceu.

### **6) Qual seu método de Trabalho?**

Para produzir uma HQ minhas grandes preocupações são as intenções da historia e como atingi-las de forma mais clara...narrativa, andamento e ritmo da historia, como o desenvolvimento coerente das personagens. Por entender o desenho como um veículo da informação pretendida, não tenho preciosismos com o desenho. A função pretendida atingida é o que importa. Até porque beleza é totalmente subjetiva.

### **7) Mercado- Vendas- Tiragens?**

Como já coloquei, no Brasil não existe um mercado de HQ nacional, apenas mercado de editoras que republicam materiais das indústrias gringas. Os produtores de HQ nacional não quase que em sua totalidade independente, sem de fato ter grande alcance junto ao público. Alguns se articularam bem nas redes sociais para esse maior alcance. Mas a maior rede de apoio à produção é por financiamento coletivo e editais específicos de HQ. Nesse sentido o Estado de São Paulo se destaca como polo produtor. MSP é uma exceção, e trabalhar com eles oportunizou muito mais leitores a conhecer meu trabalho. Algo que como independente eu não atingiria. É muito relativa à questão de tiragem e vendas de realidades de produção diferentes, como independente e com a maioria das editoras tiragens vão de 500 a 3 mil unidades em casos bem específicos. Modelos de negócio como Pipoca e Nanquim junto a Amazon que parte de 5 mil unidades e MSP escapam um pouco dessa realidade.

### **8) O Leitor- Cartas?**

Desde “La Dansarina”, livro lançado primeiramente de forma independente, e potencializado com os dois últimos, “Jeremias” e “Roseira Medalha Engenho e outras histórias”, a conexão com leitores e a participação dos mesmos com retorno e depoimentos públicos e particularmente para nós autores foi muito grande. Desde como as histórias os impactaram, ou para dividir histórias pessoais similares, ou como os livros oportunizaram tratar dos temas abordados em sala de aula e no meio familiar. Esses livros oportunizaram não só a conexão nossa como autores junto aos leitores, como se criou uma rede de interseções onde leitores se conectaram a outras tantas pessoas, usando os livros como esse veículo de debates e trocas.

### **9) Autores que conheceu?**

Ah, pude conhecer vários autores contemporâneos, como também outros que gostaria de não ter conhecido, rs. Mas não esperava poder conhecer Roger Cruz e Mauricio de Sousa, por exemplo.

### **10) Bastidores das HQs- Jeremias?**

Bastidores? Não sei o que dizer. A oportunidade de tomar como urgência tratar de tema da minha realidade e Vicência é algo que Jeremias me ajudou a criar coragem de colocar em prática e em produção Roseira Medalhe Engelho, de compreender esse momento da importância singular do tipo que histórias que eu tenho pra contar.

### **11) O que sentiu e vivenciou com HQ – Jeremias?**

Jeremias oportunizou muita coisa, de vivências e trocas com os leitores. E de perceber a necessidade de tratar e debater, educar crianças sobre o tema. Reconhecimento de um bom trabalho... Muita coisa boa mesmo.

### **12) Repercussão social do HQ- Jeremias?**

Olha, apesar de ser um livro que teve um bom alcance, e utilizados por muitos e muitos professores, nossos grandes aliados na difusão da mensagem do livro junto a crianças em escolas... mas sempre de modo particular, de ação de iniciativa de cada professor. Até aqui não tivemos notícias de escolas particulares adotarem de forma oficial, tampouco adotado em rede pública de educação. Nesse sentido, de forma social, o livro ainda está longe de atingir uma atuação social de fato. Se não através de forma sistemática nos espaços escolares o livro fica longe de uma real repercussão social. Repercutir e estar nas mãos de quem pode e tem condições de consumir livros, formadores de opinião, foi muito bom... Mas chegamos com mais eficiência apenas a uma das pontas a quem o debate é proposto. Na ponta da representatividade a que é destinado, o alcance a meu ver ainda está aquém por questão de acesso.

### **13) Alegrias?**

Ah, como já colocado, todo retorno, e os lindos trabalhos que tivemos a oportunidade de acompanhar a atuação de professores com o livro junto crianças e jovens, cartinhas e carinho de crianças da escola que pudemos de forma presencial acompanhar, por exemplo.

### **14) Desilusões?**

Também como já apontado, o baixo alcance pela dificuldade de acesso em lugares que seriam de maior representatividade.

### 15) Perspectivas de futuro das HQs?

Cada vez mais, HQs se torna origem de produto de maior difusão mundial, conteúdo áudio visual. Então, independente do formato, e mídia, como papel ou digital, a produção de HQs se mostra promissoras, e cada vez mais pertinentes.

Em uma conversa informal pelo *direct* da rede social *Instagram*, Jefferson Costa complementa sua entrevista no que se refere à perspectiva da obra Jeremias- Pele “ O alcance de Jerê está aquém do objetivo principal que é o de representatividade... identidade [ ...] sua outra função, com uma abertura de dialogo com brancos e entender os tipos de racismo diários cotidianos é compreenderem o tamanho do estrago na construção da identidade preta.”

Relata que “nessa ação realmente acredito ter alcançado um maior número de pessoa que de forma empáticas querem ajudar a mudar ou também alguns arrependidos que costumavam tomar certas atitudes racistas sem pensar no estrago do outro lado, só não conseguimos conversar com racistas de ideologia e profissão.” Parabeniza os profissionais da educação que para ele são os maiores aliados na propagação da obra e do dialogo sobre o racismo.

**Figura 65-**



Anexo III **Autor** : **Rafael Calça** também paulistano, se aperfeiçoou na Quanta Academia de Artes, teve participação das coletâneas, álbuns e storyboards. Para Calça, a obra da oportunidade de debater o teor de alguns diálogos, para ter o peso e a verdade que é considerado ideia. ( CALÇA, 2018, p. 89)

Obras Publicadas:

- **Personagem:** Milena - MSP
- **História em Quadrinhos:** ; coletânea *Front # 16* – Via Lettera; três volumes *Quebra Queixo- Technorama- Devir*; -**Graphic Novel:** *Jeremias – Pele* / MSP (2018);
- **Álbuns:** *Jockey* – Veneta; *Cronicas da terra da garoa*- SESI/SP.

### 1) Quando iniciou sua carreira nos quadrinhos?

Meu primeiro livro saiu em 2015, chamado *Jockey*. Mas já tinha participado de coletâneas de quadrinhos como roteirista desde 2005. A primeira história que publiquei foi "Feliz Aniversario, Feliz Obituário", com arte de Jefferson Costa, meu parceiro na Graphic MSP do *Jeremias*.

### 2) Porque iniciou?

Adoro quadrinhos, é uma mídia rica. A arte fascina e conta imagneticamente o que o texto não consegue. Sem a linguagem dos quadrinhos o cinema não teria se desenvolvido da mesma forma. E tal qual o cinema, pode-se contar o que quiser em quadrinhos, qualquer história.

### 3) Quem lhe influenciou e/ou apoiou?

Cresci com uma tia que foi professora de português de literatura por mais de 30 anos. Sem os livros que ganhei dela e os filmes que assistíamos juntos, não seria quem sou.

#### **4) Quais editoras publicou seus trabalhos?**

Veneta, com o álbum "Jockey" (arte de André Aguiar), SESI - SP, com "Crônicas da Terra da Garoa" (arte de Tainan Rocha) e Panini com a Graphic MSP Jeremias - Pele.

#### **5) Dá para viver só de HQ?**

Bom, é difícil. A maioria das pessoas que conheço trabalha em outras frentes também. Eu também faço roteiros para animação e dou aulas de roteiro na Quanta Academia de Artes, além de ilustrações.

#### **6) Qual seu método de Trabalho?**

Um pouco caótico. Mas anoto alguns conceitos que acho interessante e começo a pesquisar o que preciso me aprofundar. Podem ser imagens, informações históricas, o que for necessário dependendo da ideia que tive. Procuro escrever todos os dias, mas nem sempre é possível.

#### **7) Mercado- Vendas- Tiragens?**

Tiragens variam de editora para editora. Algumas investem mais, mas geralmente é a partir de 1000 cópias. No Brasil não há um grande mercado, um mainstream como nos Estados Unidos. Claro, quem vende mais HQs aqui é o Maurício de Sousa, que já tem 60 anos de carreira e personagens icônicos, mas uma empresa não faz um mercado, ele é um caso isolado. Há profissionais reconhecidos, mas ainda precisamos de uma estrutura, maior investimento em marketing, em buscar novos leitores, em desmistificar essa mentira de que quadrinhos é para crianças. Fora a necessidade de existirem histórias de grande alcance com personagens mais diversos, trazendo maior identificação.

#### **8) O Leitor- Cartas?**

Recebo muitas mensagens de leitores encantados com Jeremias, é algo incrível. Relatam suas experiências pessoais e contam como fez diferença lerem uma HQ sobre racismo sem estereótipos.

#### **9) Autores que conheceu?**

Ao longo do processo de estudar na Quanta Academia de Artes e me tornar profissional conheci vários artistas. Dois que me marcaram foram Laerte, foi ótimo vê-la falar sobre a vivência realista de trabalhar com quadrinhos. Outro foi o Marcelo D'saete, um cara muito inteligente que ama contar histórias sobre negritude e a periferia. São inspirações.

### **10) Bastidores das HQs- Jeremias?**

Trabalhar com o Jefferson foi uma retomada, já nos conhecemos há quase 20 anos, estudamos na Quanta Academia de Artes juntos quando mais novos. Sabendo disso o editor Sidney Gusman nos juntou como dupla. Nunca havia trabalhado com um editor antes durante todo o processo de escrita e foi ótimo. Tive liberdade de colocar para fora o que senti importante e debater com o Sidney pontos importantes. Foi muito importante ter essa figura com experiência me orientando mas também me dando espaço. O Sidney se tornou um amigo e um parceiro fundamental para o sucesso de Jeremias.

### **11) O que sentiu e vivenciou com HQ – Jeremias?**

Eu nem o sabia o quanto precisava colocar para fora certos eventos que me aconteceram e sentimentos que vieram disso. Falar da vivência de ter sido um menino negro foi muito importante. Foi me expor, mas de uma forma incrível.

### **12) Repercussão social do HQ- Jeremias?**

Muitas escolas adotaram o livro. Uma delas até o adaptou em peça de teatro e convidou o Jefferson e eu para assistir, foi lindo. Apesar do tema dolorido, as crianças debateram e se reconheceram como um ser humano muito maior do que sua cor de pele. Reconheceram suas semelhanças. Pelo país todo há pais e filhos lendo Jeremias juntos e pude ver isso pelas redes sociais. É algo mágico.

### **13) Alegrias?**

Ter a oportunidade de trabalhar como que amo me deixa muito feliz, ainda mais vendo que meus sentimentos e lembranças tem uma receptividade ótima. Meu objetivo é continuar para sempre nesse estilo.

**14) Desilusões?**

Infelizmente narrativas negras sempre estão, aos olhos de empresários, atrelados a datas. Novembro é o mês em que pega bem falar de negritude e da luta por direitos. Mas vivemos o ano todo em busca de sustento e felicidade, portanto é preciso contratar produtores de conteúdo negros o ano todo. E histórias de protagonismo negro devem ser produzidas simplesmente porque há artistas incríveis por aí, e sem os privilégios de poder mostrar sua criatividade.

**15) Perspectivas de futuro das HQs?**

Sim, pretendo continuar a contar histórias no formato de quadrinhos para sempre. Adoro a mídia e sei o quanto uma HQ abre as portas da leitura para a crianças. E Jeremias 2 logo sairá, estou ansioso pela recepção dos leitores.

A entrevista viabilizou destacar o profissionalismo e dedicação junto à obra Jeremias, bem como seu percurso profissional ao mudar de rumos e buscar o devido reconhecimento, mostrou a quebra de paradigmas no mercado editorial, expondo que é possível o diálogo sobre temas relevantes para a sociedade como o preconceito racial por meio das História em Quadrinhos, assim apresentando e ganhando destaque um personagem negro na capa a magnífica obra Jeremias- Pele.